

la fundación

Revista da Fundação MAPFRE#46 | março 2019
www.fundacionmapfre.org

Arte

Berenice Abbott

Entrevista

**PERE NAVARRO,
DIRETOR GERAL
DE TRÂNSITO DA ESPANHA**

Inovação Social

ISR, UMA NOVA MANEIRA DE INVESTIR

Segurança Viária

CONFERÊNCIA OBJETIVO ZERO

Comprometidos

ENSINAR A ENSINAR EM SANTO DOMINGO

Cuide-se

SONO DE QUALIDADE

VISITA NUESTRAS EXPOSICIONES VISIT OUR EXHIBITIONS

www.fundacionmapfre.org

Fundación **MAPFRE**

Anthony Hernandez
Wilshire Boulevard, 1996,
printed 2016
Inkjet print. Courtesy the artist
© Anthony Hernandez

ANTHONY HERNANDEZ

Lugar

Sala Fundación MAPFRE
Bárbara Braganza
Bárbara de Braganza, 13. 28004 Madrid

Fechas

Desde el 31/01/2019
al 12/05/2019

Horario de visitas

Lunes de 14:00 a 20:00 h.
Martes a sábado de 10:00 a 20:00 h.
Domingos y festivos de 11:00 a 19:00 h.
Acceso gratuito los lunes



ANTHONY HERNANDEZ

Location

Fundación MAPFRE
Bárbara Braganza Exhibition Hall
Bárbara de Braganza, 13. 28004 Madrid

Dates

From 31/01/2019
to 12/05/2019

Visiting hours

Monday from 2 pm to 8 pm.
Tuesday to Saturday from 10 am to 8 pm.
Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.
Free entry on Mondays

Alexánder Shevchenko
El Circo, 1913
Museo de Bellas Artes, Nizhniy
Novgorod
© Museo de Bellas Artes, Nizhniy
Novgorod con la colaboración del
Museo Estatal y Centro de
Exposiciones ROSIZO
© Alexánder Shevchenko

DE CHAGALL A MALÉVICH: EL ARTE EN REVOLUCIÓN

Lugar

Sala Fundación MAPFRE Recoletos
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Fechas

Desde el 09/02/2019
al 05/05/2019

Horario de visitas

Lunes de 14:00 a 20:00 h.
Martes a sábado de 10:00 a 20:00 h.
Domingos y festivos de 11:00 a 19:00 h.
Acceso gratuito los lunes



FROM CHAGALL TO MALEVICH: ART IN REVOLUTION

Location

Fundación MAPFRE Recoletos Exhibition Hall
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Dates

From 09/02/2019
to 05/05/2019

Visiting hours

Monday from 2 pm to 8 pm.
Tuesday to Saturday from 10 am to 8 pm.
Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.
Free entry on Mondays

Berenice Abbott
George Antheil, 1927
The Miriam and Ira D. Wallach
Division of Art, Prints and
Photographs, Photography
Collection. The New York Public
Library, Astor, Lenox and Tilden
Foundations
© Getty Images/Berenice Abbott

BERENICE ABBOTT

Lugar

Sala Casa Garriga i Nogués
Diputació, 250. 08007 Barcelona

Fechas

Desde el 20/02/2019
hasta el 19/05/2019

Horario de visitas

Lunes: 14:00 a 20:00 h.
Martes a sábado: 10:00 a 20:00 h.
Domingos y festivos: 11:00 a 19:00 h.
Acceso gratuito los lunes



BERENICE ABBOTT

Location

Casa Garriga i Nogués Exhibition Hall
Diputació, 250. 08007 Barcelona

Dates

From 20/02/2019
to 19/05/2019

Visiting hours

Monday from 2 pm to 8 pm.
Tuesday to Saturday from 10 am to 8 pm.
Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.
Free entry on Mondays

ESPACIO MIRÓ

Lugar

Sala Fundación MAPFRE Recoletos
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Exposición Permanente

Horario de visitas

Lunes de 14:00 a 20:00 h.
Martes a sábado de 10:00 a 20:00 h.
Domingos y festivos de 11:00 a 19:00 h.

Acceso gratuito con la compra
de la entrada a las salas Fundación MAPFRE
Recoletos



ESPACIO MIRÓ

Location

Fundación MAPFRE Recoletos Exhibition Hall
Paseo de Recoletos 23, 28004 Madrid

Permanent Exhibition

Visiting hours

Monday from 2 pm to 8 pm.
Tuesday to Saturday from 10 am to 8 pm.
Sunday/holidays from 11 am to 7 pm.

Free access with the purchase
of an entrance ticket to the exhibition
halls of Fundación MAPFRE Recoletos



**EVITA COLAS COMPRANDO
ONLINE TUS ENTRADAS**

**BEAT THE QUEUE,
BUY YOUR TICKETS ONLINE**

**¡RESERVA TUS ENTRADAS!!
BOOK YOUR TICKETS!!**

www.entradas.fundacionmapfre.org





Testes de frenagem realizados no Sambódromo do Anhembi, em São Paulo

Testes de frenagem contra o excesso de velocidade

Entre as ações realizadas pela Fundación MAPFRE para melhorar a segurança viária, destacam-se os estudos realizados no México e no Brasil em 2018 para aumentar a conscientização sobre os riscos de dirigir a uma velocidade inadequada nas estradas, onde os usuários vulneráveis representam o maior

número de acidentes. Somente em 2017, mais de 10.500 pessoas morreram no Brasil, mais de 78.000 sofreram invalidez permanente e quase 10.000 sofreram algum tipo de lesão (de acordo com o relatório publicado pela Fundación MAPFRE no Brasil). ✕

la fundación Revista da Fundación MAPFRE Presidente do Conselho Editorial Ignacio Baeza Diretor Javier Fernández González Edição Direção de Comunicação da MAPFRE Redação Ctra. de Pozuelo 52. 28222 Majadahonda. Madrid. T 915 815 073 - 915 815 359. comunicacion@mapfre.com www.fundacionmapfre.org Distribuição Área de Marketing da Fundación MAPFRE. Pº de Recoletos, 23. 28004 Madrid. T 916 025 221. informacion@fundacionmapfre.org Realização editorial Moonbook S.L. contenidos@moonbook.es Infográficos Gorka Sampedro Impressão Edipack Grafico, S.L. Depósito legal M-26870-2008 ISSN 1888-7813 A publicação desta revista não necessariamente supõe a concordância da Fundación MAPFRE com o conteúdo dos artigos e trabalhos nela contidos. A reprodução de artigos e notícias está autorizada desde que conte com prévia autorização expressa dos editores e sempre citando a fonte. Imagem da capa Berenice Abbott, Vista aérea de Nova York de noite, 20 de março de 1936. International Center of Photography, Gift of Daniel, Richard, and Jonathan Logan, 1984 (786.1984). © Getty Images/Berenice Abbott

sumário

ENTREVISTAMOS A PERE NAVARRO



Berenice Abbott
Padaria, Bleecker Street 259, Manhattan
The Miriam and Ira D. Wallach Division of Art, Prints and Photographs, Photography Collection. The New York Public Library, Astor, Lenox and Tilden Foundations
© Getty Images/Berenice Abbott

ENSINAR A ENSINAR



EM PRIMEIRA PESSOA

6 ENTREVISTAMOS PERE NAVARRO, DIRETOR GERAL DE TRÂNSITO DA ESPANHA

Com o objetivo de reduzir os acidentes de trânsito e posicionar a Espanha como referência em segurança viária em todo o mundo, esse ativista da segurança viária retorna ao campo de batalha.

ARTE



12 ARTE PARA TODOS

Nossas exposições viajam pelo mundo todo.



14 BERENICE ABBOTT

Conheça a obra cativante da fotógrafa estadunidense Berenice Abbott. Até o dia 19 de maio na Sala Fundación MAPFRE Casa Garriga Nogués.



22 INOVAÇÃO SOCIAL

O OTIMISMO REINA ENTRE AS MULHERES DO TERCEIRO SETOR



COMPROMETIDOS

30

'SÉ SOLIDARIO', ONDE OS PEQUENOS SONHOS SE TORNAM GRANDES



32

ENSINAR A ENSINAR

Fornecer ferramentas para desenvolver uma educação inclusiva é o objetivo de um projeto de formação de professores realizado na República Dominicana desde 2015.



36 INOVAÇÃO SOCIAL

INVESTIR COM UM OLHAR SUSTENTÁVEL

Nós da Fundación MAPFRE queremos difundir uma nova forma de investir, através dos Investimentos Socialmente Responsáveis.

EDUCAÇÃO/EMPREGO

40

BMAP, QUANDO JOGAR COM OS SEGUROS É TÃO APAIXONANTE QUANTO O MONOPOLY

44 PROFISSIONAIS E MAIS

CONVERSAMOS COM **LUCÍA GÓMEZ MARTÍN-CARO**, VOLUNTÁRIA DO COMITÊ ESPANHOL DA ACNUR

46 SEGREDOS DO SEGURO

E **NASCE DE NOVO** DAS CINZAS...

CUIDE-SE

48

SONO DE QUALIDADE, QUALIDADE DE VIDA

SEGURANÇA VIÁRIA

52

CONFERÊNCIA **DA VISÃO ZERO AO OBJETIVO ZERO?** LIDERANÇA NA MELHORIA DA SEGURANÇA VIÁRIA

A rápida proliferação dos chamados veículos de mobilidade pessoal, revelou lacunas legais importantes e deixou muitas dúvidas sobre como circular entre usuários, pedestres e outros motoristas, como indicado por um novo relatório elaborado pela Fundación MAPFRE.

58

A SEGURANÇA E OS PATINETES ELÉTRICOS: UM DESAFIO EMERGENTE

62 COMPROMETIDOS

MAPA DOS NOSSOS **PROJETOS DE EDUCAÇÃO** EM TODO O MUNDO

64 OUTRA MANEIRA DE AJUDAR

66 VISTO NA REDE



BMAP, QUANDO JOGAR COM OS SEGUROS É TÃO APAIXONANTE QUANTO O MONOPOLY



SONO DE QUALIDADE, QUALIDADE DE VIDA



© iStock

CONFERÊNCIA DA VISÃO ZERO AO OBJETIVO ZERO?





Pere Navarro, diretor geral de Trânsito da Espanha

**«Ajudar os outros é uma das poucas
coisas que possuem sentido na vida»**

TEXTO: NURIA DEL OLMO. @NDELOLM074 FOTOGRAFIA: MÁXIMO GARCÍA

É um ativista da segurança viária e, como tal, retorna ao campo de batalha. Seu objetivo é claro, reduzir os acidentes de trânsito e posicionar a Espanha como referência em segurança viária em todo o mundo. Também aumentar a conscientização e explicar o drama social que envolve pisar no acelerador, falar ao telefone e tomar uma bebida ao dirigir.

São cinco da tarde na sede da DGT, em Madrid. Pere Navarro (Barcelona, 1952) nos recebe em seu escritório, no segundo andar de um prédio onde estão localizados os serviços centrais desta entidade, uma das instituições espanholas com maior reputação. Conversamos sobre o vício em dispositivos móveis, sobre seu trabalho no Marrocos, sobre seu retorno à Espanha. Ele reconhece que não encontra nenhum lugar que lhe apeteça viver mais do que o seu. Admite que aqui os cidadãos são incríveis, solidários e entendem a importância de reduzir a velocidade e a necessidade de existir uma carteira de motorista com pontos. Ele admite que, ao contrário de outros países, os espanhóis respondem quando as coisas lhes são bem explicadas.

Você está retornando a um cargo que ocupou de 2004 a 2012. No que se dedicou durante esse tempo?

Saí da Espanha. Eu tive que escolher entre Paris ou Rabat e levei três segundos para escolher o Marrocos, onde vivi por quase quatro anos. Lá trabalhei como conselheiro na embaixada, assumindo as questões que afetam os espanhóis que emigraram para Tanger e Casablanca depois da Guerra Civil e agora estão em uma situação vulnerável. Sair é algo que recomendo a todos. Adaptar-se a uma cultura diferente faz com que você questione muitas coisas que nunca considerou antes. Isso é importante. No Marrocos há um costume que eu gosto. Primeiro pergunta-se às pessoas sobre sua família e sua saúde e, em seguida, pede-se permissão para lhe enviar um e-mail. Perguntar sobre trabalho é malvisto. Agora, já de volta, lembro dessa etapa com muita felicidade.

São muitas as pessoas que sentiram sua falta e que aplaudiram sua nomeação. Você está ciente de que muitos se lembram de você como o melhor Diretor de Trânsito? Como você encarou o retorno?

Com muita pressão. O desempenho passado não garante o presente. Voltei porque acredito que posso ajudar, porque acho que posso ser útil. Faz parte da minha filosofia. Na vida há poucas coisas que fazem sentido e

uma delas é a capacidade de ajudar os outros. Se você acha que pode contribuir, é quase obrigado a aceitar o desafio.

Após a sua saída, a instituição, uma das mais reputadas do país, não conseguiu reduzir as vítimas mortais e a curva de mortalidade voltou a subir. Nos últimos anos, as vítimas na estrada aumentaram. Por que você acha que isso ocorreu?

Atualmente há quase 900 mil guardas civis de trânsito a menos em circulação e os controles de alcoolemia foram bastante reduzidos. Já sabemos que quanto mais presença policial menos acidentes ocorrem e, portanto, há menos vítimas. O problema fundamental é que o sentimento de impunidade aumentou. A segurança viária é uma equação na qual intervêm quatro fatores: treinamento, informação, vigilância e controle. Estes dois últimos são fundamentais. Acredito no que a União Europeia afirma. O cumprimento das leis de trânsito é a maneira mais eficaz de reduzir acidentes e vítimas. Nesse sentido, os países com melhores resultados são aqueles que possuem sistemas de autoridade mais eficazes. Se deixam de vigiar, as pessoas aceleram mais e bebem mais. Também tem sido anos complicados, de crise, onde claramente houve outras prioridades na agenda política. E isso tem seu reflexo.

Como você acredita que essa tendência pode ser mudada?

Primeiro, abrindo o debate, porque, como eu disse antes, devemos colocar essa questão de volta na agenda política. Em segundo lugar, devemos destacar o papel desempenhado pela sociedade civil, que é decisivo, e terceiro, tomar algumas medidas, que é o que dá credibilidade a um Governo, ao discurso político. Na Espanha temos muitos problemas, mas são poucos os que causam 1.830 mortes e 9.500 feridos graves. Que outra situação deixa um rastro de sangue similar? Daqui a um ano, ninguém explicará como pudemos viver com esse nível de sofrimento.

Uma de suas primeiras decisões foi revisar a velocidade. Com quais reações você se deparou?

A verdade é que tivemos uma surpresa agradável. Acredito que tudo se deve porque explicamos bem



as razões pelas quais propusemos mudanças e isso fez com que os cidadãos entendessem e aceitassem-nas de maneira razoável. 75% dos acidentes fatais ocorrem em estradas secundárias e cerca da metade deles ocorrem devido a saídas da estrada, o que significa que há um excesso de velocidade. A Espanha foi o único país da UE onde os limites de 100 e 90 km/h eram estabelecidos dependendo da existência ou não de acostamentos e quase não havia nenhum país europeu, exceto a Polônia e a Romênia, onde se permitia circular a 100 km/h neste tipo de estradas. Mais uma vez, se você explicar, os cidadãos respondem.

«Para reduzir os acidentes temos que tomar algumas medidas, que é o que dá credibilidade a um Governo, ao discurso político»

Foi estabelecida uma carteira de motorista com pontos, o que certamente supôs um antes e um depois na política de segurança viária. Você acha que perdeu a eficácia?

A carteira de motorista com pontos foi estabelecida em julho de 2006, o que significa que é necessário atualizá-la. É isso que pretendemos fazer agora, porque, entre outras coisas, não existia WhatsApp naquela época, e agora existe e é um problema, é importante penalizar seu uso. Também vamos penalizar mais o fato de não utilizar o cinto de segurança e não usar capacete, e vamos simplificar aspectos que têm a ver com a recuperação dos pontos, desde que nenhuma infração



«Acho que dormimos no ponto. Nos últimos quatro anos os acidentes e as vítimas aumentaram e é necessário um toque de atenção. Temos que explicar o drama de um acidente com campanhas fortes para que a sociedade reaja»

seja cometida por dois anos consecutivos. Acredito que a carteira com pontos foi uma grande mudança porque, pela primeira vez, o motorista é diretamente responsável por seu comportamento ao volante. É a figura que gerencia seus pontos e isso, em geral, é bem avaliado.

Sua estreia começa com campanhas de conscientização. Por que você acha que são necessárias?

Acho que dormimos no ponto. Nos últimos quatro anos os acidentes e as vítimas aumentaram, o que nos obriga a dar um toque de atenção e explicar o drama de um acidente. A sociedade deve reagir e estar ciente. A campanha deste ano é voltada especialmente para os jovens, a quem queremos transmitir as consequências de acabar com a vida de uma pessoa por infringir as leis. As mensagens são claras e revelam situações reais: você não será capaz de olhar no espelho, você vai acabar no tribunal, você pode ir para a prisão e você certamente terá um registro criminal. Queremos que a sociedade chegue à conclusão de que não vale a pena arriscar.

Vocês irão endurecer as penalidades pelo uso do celular ao volante. Aumentar as multas e reduzir pontos é suficiente?

O celular é um problema social, embora seja verdade que ele tenha um impacto direto na segurança viária. As pessoas ainda pensam que o álcool é a primeira causa de acidentes, mas a verdade é que desde 2016 são as distrações, o excesso de velocidade ou velocidade inadequada e o consumo de álcool. Nesse sentido, estamos focando em educar, informar e conscientizar, bem como elevar as penalidades para o uso do celular ao volante, que é um problema no qual todos devemos nos envolver, desde a sociedade até os operadores e fabricantes. Eu conheci pessoas que ficam sem celular uma vez por semana. Já estão dando passos para lutar contra essa dependência.

Você também faz isso?

A verdade é que não. Sempre que esqueço meu telefone, eu volto para pegá-lo. Meu trabalho exige isso de mim. Claro, quando eu dirijo, eu ativo o modo carro. Ambas as mãos devem estar ao volante. Também não defendo o uso de telas e o fato de poder programar o navegador



com o veículo em movimento. É uma questão que nos preocupa. Comprovamos que depois de um minuto e meio falando ao celular (mesmo com as mãos livres), o motorista não percebe 40% dos sinais, o ritmo cardíaco acelera e demora mais para reagir.

Muitos atropelamentos são causados pelo álcool e sempre retornamos ao mesmo debate. Você acredita que o código penal pune esse comportamento muito levemente?

Creio que não. Demos um salto imenso ao introduzir a condução com taxas de alcoolemia como um delito no Código Penal. É verdade que estamos revisando alguns que têm a ver com o paradoxo que ocorre com a proibição de vender álcool aos jovens e o fato de que

eles podem dirigir com uma taxa de 0,15. Existe uma proposta de lei, ainda não aprovada pelo Congresso, instando o governo a reforçar o compromisso de tolerância *zero* de *álcool* em menores de 18 anos.

Você se preocupa muito com a violência viária.

É uma questão séria, sem dúvida, porque é um tipo de violência que afeta pessoas que fazem tudo o que está ao seu alcance para serem motoristas responsáveis e que se deparam com pessoas que não são assim. O caso mais claro é a pessoa que sai para correr ou andar de bicicleta em uma manhã de domingo e encontra um motorista que ainda não foi dormir, que dirige em velocidade excessiva e causa um acidente. Dá uma certa ideia do drama por trás de um acidente de trânsito. As vítimas reclamam que chamamos esse tipo de situação de acidente e eles estão certos. Isso não é acidental. Se uma pessoa dirige a 200 *quilômetros por hora* ou consumiu *álcool*, ela sabe o que pode acontecer.

Como podemos cumprir com a visão zero?

Nós passamos a vida toda culpando o motorista. Se bebe, se não usa o cinto, se dirige mais rápido do que o permitido... O interessante da visão zero é que parte da ideia de que às vezes as pessoas bebem e pisam no acelerador. Nós, engenheiros, também temos responsabilidade, com os veículos e infraestruturas que projetamos, aqui e ao redor do mundo. Em suma, trata-se de repensar, compartilhar responsabilidades e, acima de tudo, propor, entre todos, soluções que contribuam para a redução de acidentes.

Há cada vez mais usuários de bicicletas e patinetes. Como esses usuários serão abordados na nova normativa em que estão trabalhando?

um texto que propõe algumas ideias básicas. Exigirá a este tipo de veículos um certificado, uma homologação; a calçada é um espaço sagrado, somente para os pedestres; limitará seu uso em certos tipos de vias,

«Acredito que a carteira com pontos foi uma grande mudança porque, pela primeira vez, o motorista é diretamente responsável por seu comportamento ao volante»

deixando claro que não podem circular nas estradas; e os incluirá no Regulamento de Veículos, o que permitirá regular outros aspectos importantes, como o consumo de *álcool* e o uso de fones de ouvido, por exemplo.

Como podemos descongestionar o trânsito nas cidades?

Nas cidades existe uma lei estatística que é a do 80/20, o que significa que 20% das ruas suportam 80% do tráfego e 80% das ruas suportam 20% do tráfego. Nosso desafio é acalmar o trânsito, fazer com que nessas estradas circulem a 30 km/h para que assim o pedestre possa conviver com a bicicleta, com as motos e carros, garantir a entrada e a saída da cidade e evitar que os carros circulem todo o dia pelo centro. É o modelo que estamos buscando, e isso levará a menos veículos. Em breve conheceremos o táxi compartilhado.

E na América Latina? Quais são os desafios?

O primeiro desafio é que esses países tenham instituições, sejam agências ou organizações competentes, com capacidade para implementar os planos de segurança viária elaborados pelos governos. O segundo objetivo é promover a vigilância e o controle do cumprimento das normas, uma vez que acreditamos que o procedimento sancionatório é deficiente nestes momentos e existe uma grande sensação de impunidade. Não colocar e não cobrar multas nos países da região é essencial para a segurança viária, assim como melhorar as infraestruturas e limitar as importações de veículos com mais de cinco anos de uso. Os motoristas também merecem atenção especial, sobretudo na Colômbia, Peru, Equador e Costa Rica, onde o número de acidentes aumentou e precisam de campanhas de conscientização para evitar riscos. A boa notícia é que grandes progressos estão sendo feitos na educação sobre segurança viária e os programas estão funcionando muito bem. ✕

«Na Espanha temos muitos problemas, mas são poucos os que causam 1.830 mortes e 9.500 feridos graves. Que outra situação deixa um rastro de sangue similar? Daqui a um ano, ninguém explicará como pudemos viver com esse nível de sofrimento»



O atual diretor geral de Trânsito em um dos oito Centros de Gerenciamento do Trânsito que a entidade tem espalhados por todo o território, exceto na Catalunha e no País Basco, ao possuir as competências transferidas. O de Madrid é o mais importante e foi projetado na forma de uma grande sala, onde existem cerca de 200 telas e monitores que servem para controlar e monitorar o trânsito e coordenar todos os outros centros. Deste lugar pode-se ver a qualquer hora um ponto específico de uma estrada espanhola e agir, se necessário.

Em poucas palavras

MARROCOS: meu paraíso perdido.

FAMÍLIA. são as raízes. Se não as tiver, no primeiro sopro de ar, você se rompe.

MULTAS: essenciais.

300 KM/H: absurdo.

CINTO DE SEGURANÇA: a invenção que mais salvou vidas depois da penicilina.

IMIGRAÇÃO: somos todos imigrantes. Plantas, animais e pessoas.

POLÍTICA: deveria ser a arte de escutar, de se colocar no lugar do outro.

DESEJO: que este ano haja menos acidentes e vítimas.

MULHER: a grande mudança do século XXI.

LEITURA: qualquer obra do escritor austríaco, Stefan Zweig.

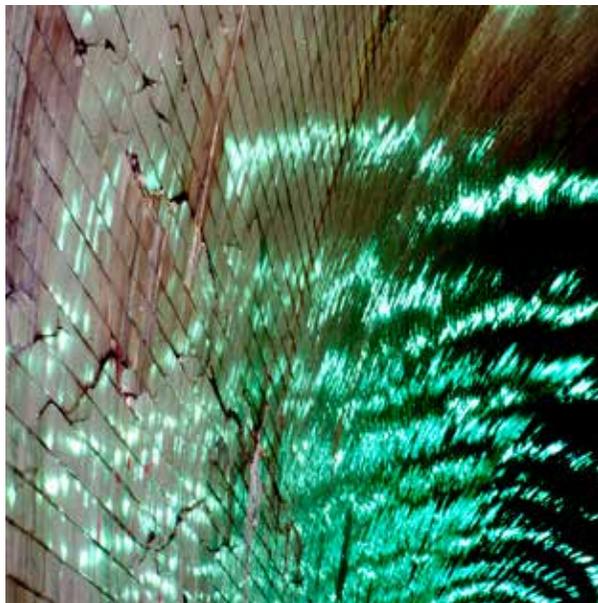
De acordo com a Unesco, «a cultura é uma dimensão fundamental do processo de desenvolvimento e contribui para fortalecer a independência, a soberania e a identidade». A Fundación MAPFRE investe trabalho e entusiasmo para levar a arte aos cidadãos de todo o mundo

Arte para todos

Madrid

ANTHONY HERNANDEZ

Sala Fundación MAPFRE Bárbara de Braganza
Até o dia 12/05/2019



Anthony Hernandez
Forever #74, 2011
[Para sempre n.º 74]
San Francisco Museum
of Modern Art.
Aquisição
do Accessions
Committee Fund
© ANTHONY HERNANDEZ

Madrid

DE CHAGALL A MALÉVICH: EL ARTE EN REVOLUCIÓN

Sala Fundación MAPFRE Recoletos
Até o dia 05/05/2019



Marc Chagall
Maquete para o cenário de *Mazeltov* de Shólem Aléijem, 1919
Coleção particular
© ARCHIVES MARC ET IDA CHAGALL, PARIS
© VEGAP, MADRID 2019, MARC CHAGALL

Barcelona

BERENICE ABBOTT

Sala Fundación MAPFRE
Garriga Nogués
Até o dia 19/05/2019



Berenice Abbott
Padaria, Bleecker Street 259, Manhattan
The Miriam and Ira D. Wallach
Division of Art, Prints and
Photographs, Photography
Collection. The New York Public
Library, Astor, Lenox and Tilden
Foundations
© GETTY IMAGES/BERENICE ABBOTT

Madrid

ESPAÇO MIRÓ

Sala Fundación MAPFRE Recoletos
Coleção permanente



Sitges

DESENHOS DA COLEÇÃO

Museu de Maricel, Consórcio do Patrimônio de Sitges (CPS)
15/03/2019-23/06/2019

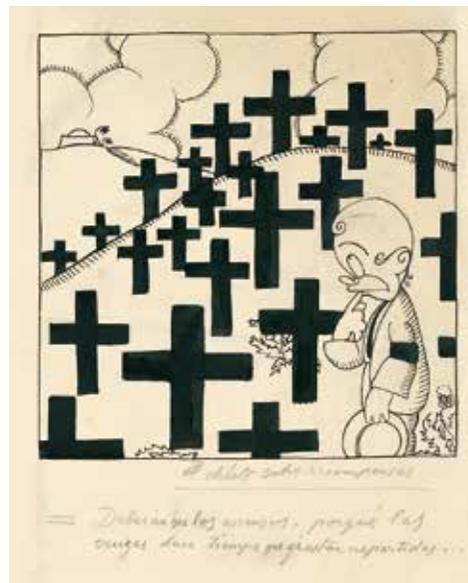


Egon Schiele
Schlafendes Mädchen
[Jovem adormecida], 1909

Tenerife

BAGARÍA EN EL SOL. POLÍTICA Y HUMOR EN LA CRISIS DE LA RESTAURACIÓN

Fundación MAPFRE Guanarteme
14/02/2019-21/05/2019



Luis Bagaría
O projeto de recompensas,
publicado em 'El Sol'
em 1 de dezembro de 1921.
© COLEÇÕES FUNDACIÓN MAPFRE

Frankfurt

GRACIELA ITURBIDE

FFI
07/03/2019-30/06/2019



Graciela Iturbide
O senhor dos pássaros,
Nayarit, México, 1985
Gelatina de prata
© GRACIELA ITURBIDE, 2009

México

BRASSAÏ

Museu do Palácio do
Palácio de Belas Artes
Até o dia 16/06/2019



Brassaï
Vendedor de mariscos, Sevilha
[Lobster Seller, Seville], 1951
Estate Brassai
Succession, Paris
© ESTATE BRASSAI
SUCCESSION, PARIS



Bruxelas, Bélgica

NICHOLAS NIXON

Fondation A Stichting
Até o dia 07/04/2019

Nicholas Nixon
Bebe and I, Savignac de Miremont, France
[Bebe y yo, Savignac de Miremont, França], 2011
NICHOLAS NIXON
CORTESIA FRAENKEL GALLERY,
SAN FRANCISCO.



Berenice Abbott.

Retratos da modernidade

TEXTO: ÁREA DE CULTURA DA FUNDACIÓN MAPFRE

A exposição oferece um exaustivo tour pela carreira da fotógrafa estadunidense Berenice Abbott, cuja obra está entre as mais cativantes da fotografia norte-americana da primeira metade do século XX e atua como uma ponte entre os círculos culturais da vanguarda de Paris e de Nova York dos anos 1920 e 1930.

A ideia de modernidade invade todo o trabalho de Abbott, desde seus retratos dos artistas e intelectuais mais vanguardistas do momento e suas incríveis vistas da cidade de Nova York – que compõem seu projeto *Changing New York* –, até suas fotografias de temas científicos em que retrata os resultados de diversos fenômenos e experimentos. Juntas, suas fotografias constituem um retrato excepcional da modernidade do novo século, uma ideia sobre a qual se baseia a presente exposição.

Ademais, realizar uma exposição de Abbott em 2019 requer a revisão da própria noção de «documento», de «fotografia artística» e de «autobiografia». E, embora a intenção da fotógrafa de escapar dos supostos artifícios da arte seja palpável em suas imagens, o resultado visual é tão rico e diverso que dificulta categorizá-las sob o adjetivo *documental*, e até mesmo nos obriga a enfrentar a impossibilidade final de uma «fotografia documental» sem fissuras.

Sua figura é, por outro lado, essencial na valorização do trabalho de Eugène Atget. Após a morte do fotógrafo francês em 1927, Abbott compra todos os seus arquivos pessoais. Durante várias décadas, se dedicará a promovê-lo com devoção e sucesso e a incentivar o colecionismo de sua obra nos Estados Unidos, tornando-se uma figura-chave para a fortuna crítica e historiográfica do legado do fotógrafo.

Quase duzentas fotografias de época, agrupadas em três seções temáticas, compõem esta exposição produzida pela Fundación MAPFRE e curada por Estrella de Diego, professora de Arte Contemporânea da Universidade Complutense de Madrid e membro da Real Academia de Belas Artes de San Fernando.

É a maior retrospectiva de Berenice Abbott organizada na Espanha, com imagens de época de algumas das mais importantes coleções americanas: The New York Public Library (Nova York), George Eastman Museum (Rochester, Nova York), Howard Greenberg Gallery (Nova York), International Center of Photography (Nova York), MIT Museum (Cambridge, Massachusetts) e o Museum of the City of New York (Nova York).

Depois de passar por Barcelona, poderá ser visitada na Sala Recoletos da Fundación MAPFRE em Madrid (de 1º de junho a 25 de agosto de 2019).

Berenice Abbott

Vista aèria de Nova York de nit, 20 de març del 1936

Vista aèria de Nova York de noite, 20 de març de 1936

Aerial view of New York at Night

58,4 x 45,7 cm

International Center of Photography, Gift of Daniel, Richard, and Jonathan

Logan, 1984 (786.1984)

© Getty Images/Berenice Abbott



Berenice Abbott
Autoretrat – Distorsió, cap al 1930
Autorretrato, distorção, ca. 1930
Self Portrait – Distortion
 16,8 x 13,7 cm, còpia de 1945-1950 / còpia de 1945-1950
 Courtesy Howard Greenberg Gallery
 © Getty Images/Berenice Abbott

sua verdadeira vocação: a fotografia.

Em 1926, se firma como uma fotógrafa independente e seus retratos, dos artistas e intelectuais mais vanguardistas do momento, logo adquirem grande renome.

Também agora, em meados da década de 1920, Abbott conhece Eugène Atget através de Man Ray. Fica realmente impressionada com sua obra; as qualidades que, como poucos, consegue perceber nela a inspiram desde o início um profundo respeito pelo francês e também lhe proporcionam uma referência importante para transformar suas aspirações como fotógrafa: uma fotografia que, apesar de querer manter-se à margem das pretensões artísticas, é muito mais que um documento.

Após seu retorno a Nova York em 1929, Abbott embarca na produção de seu maior acervo: a documentação fotográfica do crescimento dessa cidade, até certo ponto inspirada no exemplo da Paris de Atget.

Ela desenvolve este projeto de forma independente até que, em 1935, consegue financiá-lo com a ajuda do programa Federal Art Project, que lhe proporciona um contrato para trabalhar na série em tempo integral. Estas imagens são publicadas em 1939 com o título *Changing New York*,

Berenice Abbott (Springfield, Ohio, 1898-Monson, Maine, 1991)

Berenice Abbott inicia seus estudos universitários em 1917 na Ohio State University com a intenção de se tornar jornalista. Só ficou lá por alguns meses, pois em 1918 muda-se para Nova York e se estabelece no Greenwich Village, um estimulante ponto

de encontro para artistas e intelectuais, o que facilitou seu primeiro contato com criadores como Marcel Duchamp.

Então, começa a praticar escultura e, apenas três anos depois, viaja para a Europa e se estabelece em Paris, onde começa a trabalhar como assistente no estúdio de Man Ray e descobre

alcançando grande sucesso de crítica e vendas.

Um ano antes, em 1934, começa a lecionar na New School for Social Research, onde permaneceu como docente até 1958.

É no final da década de 1950 que inicia outro de seus grandes projetos: a documentação fotográfica de fenômenos científicos, em colaboração com o Massachusetts Institute of Technology (MIT).

Muitas dessas imagens são profusamente usadas durante a década de 1960 para a ilustração de livros didáticos de física.

Em 1959, a associação Professional Photographers of America posiciona-a entre as dez primeiras mulheres fotógrafas do país.

Sua obra é objeto de uma exposição retrospectiva em 1970 no Museu de Arte Moderna (MoMA) de Nova York e, em 1983, se torna a primeira fotógrafa admitida na American Academy of Arts and Letters. Em 1988, o governo francês nomeou-a Officier des Arts et Lettres e ela também recebeu o prêmio Master of Photography, outorgado pelo International Center of Photography de Nova York.

Falece em Monson em 9 de dezembro de 1991.

Berenice Abbott
Janet Flanner a Paris, 1927
Janet Flanner em Paris
Janet Flanner in Paris
 25,4 x 20,3 cm

The Miriam and Ira D. Wallach Division of Art, Prints and Photographs, Photography Collection. The New York Public Library, Astor, Lenox and Tilden Foundations

© Getty Images/Berenice Abbott

PERCORRIDO PELA EXPOSIÇÃO

1. Retratos

A primeira seção da exposição é composta por alguns de seus retratos dos personagens mais inovadores da época.

Sob seu aspecto cuidadoso e formal, se esconde algo mais do que uma excelente fotógrafa:

todos eles nos fazem ver que Berenice Abbott está construindo um arquivo, está documentando uma certa tipologia do moderno. Retrata principalmente o projeto de vida de um grupo do qual ela faz parte: o das «novas mulheres», dispostas a viver à



Asistimos ya, desde el inicio de su carrera fotográfica, a esa dualidad en la que sus obras son a un tiempo documentales y, a la vez, bellas muestras de un proyecto artístico e incluso autobiográfico

margem das convenções para salvaguardar sua liberdade. Os homens também mostram em seus retratos uma masculinidade menos monolítica da que estamos acostumados.

Assim, embora Abbott busque estabelecer certas «tipologias» nestes retratos, estamos ante uma série de obras claramente autobiográficas, pois a própria

fotógrafa faz parte do grupo que retrata.

Desde o início de sua carreira fotográfica testemunhamos essa dualidade na qual suas obras são tanto documentais, quanto propostas “tipológicas” arquivísticas e, ao mesmo tempo, belas amostras de um projeto artístico e até mesmo autobiográfico.

Berenice Abbott
West Street, 1932
 19,1 x 24,3 cm
 International Center of Photography, Purchase, with funds provided by the National Endowment for the Arts and the Lois and Bruce Zenkel Purchase Fund, 1983 (388.1983)

© Getty Images/Berenice Abbott





Berenice Abbott
El Rockefeller Center, cap al 1932
Rockefeller Center, ca. 1932
 17,8 x 16,8 cm
 Courtesy Howard Greenberg Gallery
 © Getty Images/Berenice Abbott

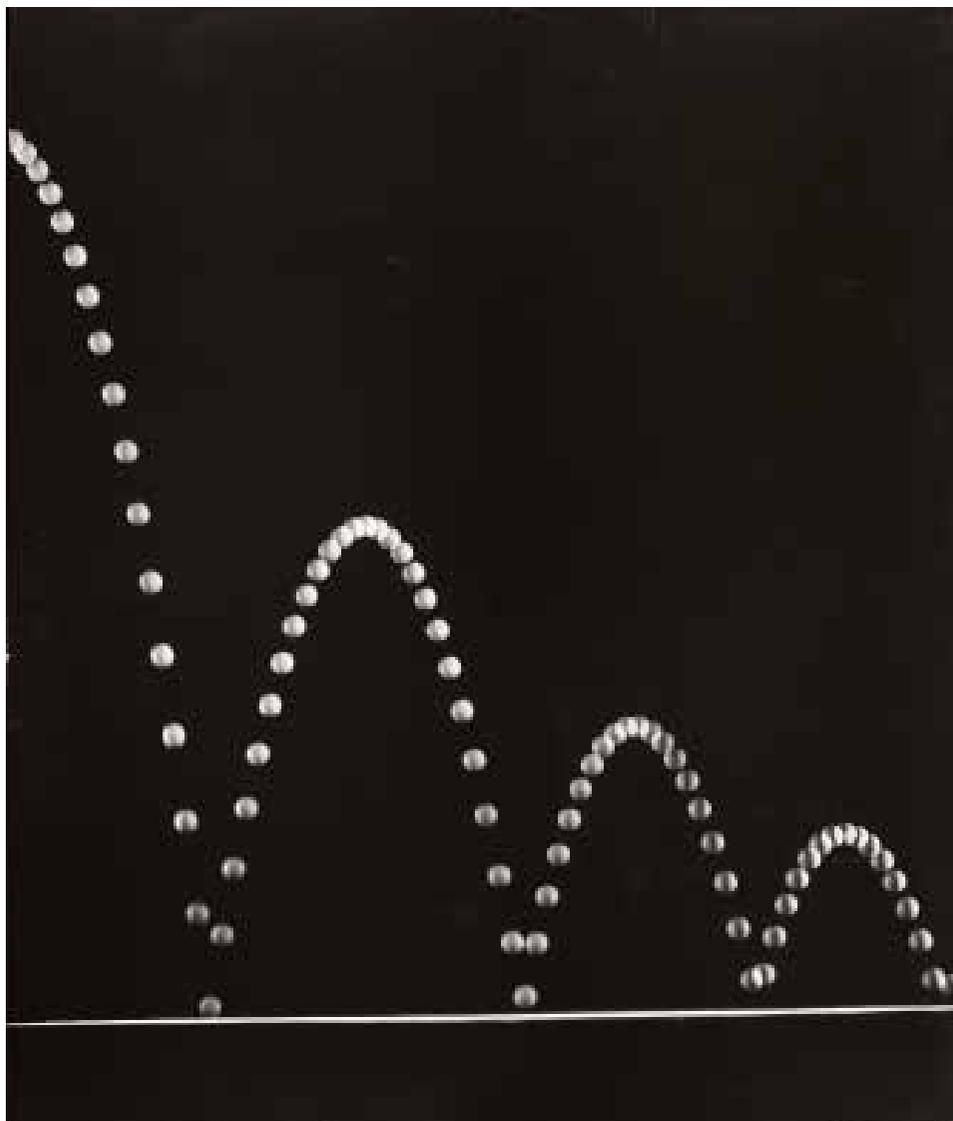
2. Cidades

A segunda seção da exposição inclui o deslumbrante e espetacular retrato que Berenice Abbott fez de Nova York durante a década de 1930. Sem dúvida, o olhar moderno de Abbott foi capaz de perceber as possibilidades infinitas oferecidas por esta cidade para capturar essa modernidade única que até hoje é um emblema. Diante deste objetivo, Nova

York se torna um ser vivo, um extraordinário personagem que é descoberto diante de seus visitantes em seus impressionantes arranha-céus, na agitação de suas ruas abarrotadas, na diversidade do que suas vitrines oferecem.

Também nos aproxima de alguns de seus bairros mais marginais, o que novamente deve ser visto como um sintoma da modernidade de uma mulher que

Ante su objetivo, Nueva York se convierte en un ser vivo, en un extraordinario personaje que se descubre ante sus visitantes en sus impactantes rascacielos, en el bullicio de sus calles abarrotadas, en la diversidad de lo que ofrecen sus escaparates



Berenice Abbott
Pilota rebotant en arcs decreixents, 1958-1961
Bola quicando em arcos decrescentes
A Bouncing Ball in Diminshing Arcs
 54,6 × 45,7 cm, fotografia muntada damunt masonita
 sense protecció / fotografia sem proteção montada
 sobre masonite
 Berenice Abbott Collection, MIT Museum.
 Doaçã de Ronald e Carol Kurtz
 © Getty Images/Berenice Abbott

(PSSC) do Massachusetts Institute of Technology (MIT). Os arquivos desta prestigiosa instituição guardam boa parte dessas imagens de Berenice Abbott, e delas procedem as vinte e oito peças de tema científico presentes nesta exposição, cedidas pelo MIT Museum. Dezesesseis delas são expostas da mesma forma que a própria Abbott originalmente as preparou para a exposição: montadas sobre um suporte de masonite sem proteção frontal.

Diante delas, testemunhamos mais uma vez a dualidade que perpassa seu trabalho: são fotografias que documentam fenômenos físicos (na verdade, foram usadas para ilustrar livros didáticos), mas ao mesmo tempo mostram a imaginação e a criatividade preciosa de Abbott. Em cada uma delas, oferece soluções inesperadas para essa tarefa de «documentar», com incrível sagacidade, um ambíguo e poderoso jogo de luz que, de certo modo, nos transporta para suas antigas imagens de Nova York.

Mais uma vez, a transformação pura foi identificada pelo olho moderno de Berenice Abbott e capturada por sua câmera gerando imagens prodigiosas. ✖

não hesita em abordar essa outra realidade.

Por tudo isso, esta série é a mais notável de sua produção. , ademais, o testemunho de alguns lugares agora desaparecidos, bem como a construção de outros tradicionalmente emblemáticos.

Levando em conta o fascínio de Abbott por Eugène Atget e o apoio desinteressado que sempre dedicou à divulgação de sua obra, onze

fotografias do artista, assinadas pela própria Abbott em 1956, completam esta seção em diálogo com as obras da estadunidense.

3. Ciência

A terceira e última parte da exposição concentra suas fotografias de experimentos e fenômenos científicos, nas quais começa a trabalhar no final dos anos 50, como parte do Physical Science Study Committee

A ESCOLHA DO CURADOR

ESTRELLA DE DIEGO*

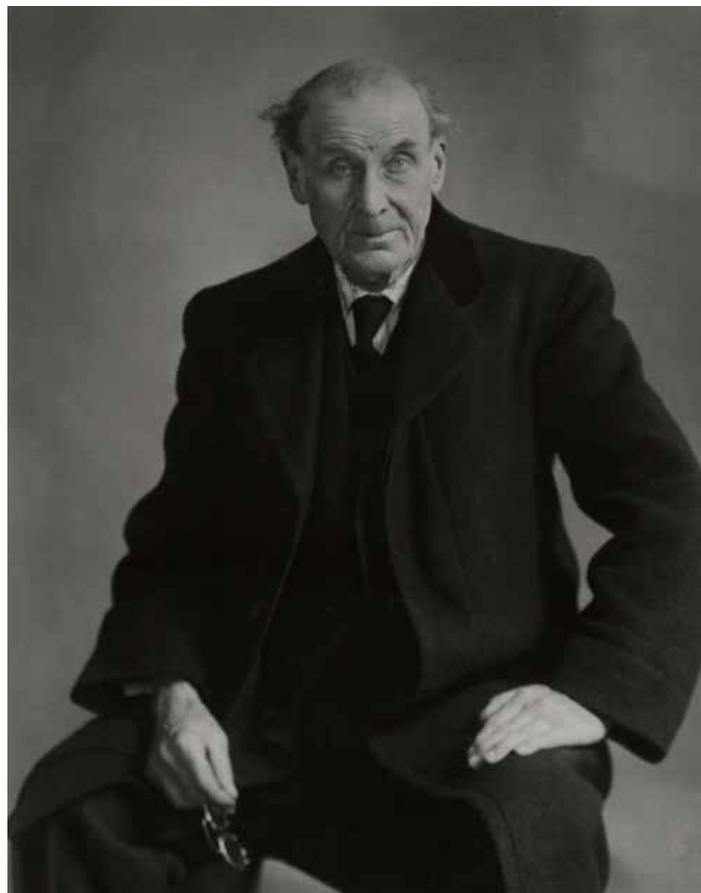
Em 1927, Berenice Abbott retrata Eugène Atget, o fotógrafo adorado pelos surrealistas, de frente e de perfil. É um jogo incrível que imita algum trabalho documental inesperado, de arquivo, quase policial – ao estilo de Bertillon no século XIX –, enquanto enfatiza a extraordinária qualidade de Abbott como retratista de uma classe intelectual e moderna, com a qual se encontra pela primeira vez ao chegar ao nova-iorquino Greenwich Village, vinda de Ohio, sua terra natal.

Naquela época, Greenwich Village ainda não havia se tornado o bairro chique e boêmio que acabaria se tornando com o tempo. Mas em 1918 seus habitantes mais vanguardistas já tentavam dar a volta à arte, à literatura e aos costumes dominantes. Lá reuniam-se, finalmente, algumas «novas mulheres», personagens independentes que exploraram a liberdade de gênero desde o final do século XIX. A Baronesa Elsa von Freytag-Loringhoven – modelo, artista de *vaudeville* e encarnação do dadaísmo nos Estados Unidos –; a poetisa inglesa Mina Loy; a americana Clara Tice – designer e modelo –; e a escritora Djuna Barnes – que Abbott retrata – iam em busca de seu destino, rompendo com todos os esquemas estabelecidos, como a própria Abbott. São as mesmas «novas mulheres» que a fotógrafa encontra anos depois em Paris, onde retratará outras figuras da cena

artística – Marie Laurencin, Peggy Guggenheim... –, juntamente a escritores como André Gide e Jean Cocteau. De fato, se é verdade que se tratam de retratos maravilhosos, não é menos certo que através dos mesmos documentos este segmento da população à qual pertence: as pessoas criativas e modernas, como é a mesma forma de construir essas imagens.

Em todas suas fotos, desde sua série de retratos, passando por suas imagens de New York pertencentes à fabulosa série *Changing New York*, com muito do retrato da cidade, e até mesmo seus últimos trabalhos sobre Ciência, Berenice Abbott, amiga de Man Ray – com quem dá seus primeiros passos na técnica fotográfica –, levantou uma ideia clara: os antigos pontos de vista já não são mais válidos para retratar os novos heróis ou as novas cidades.

Assim como Atget, tão venerado e promovido por Abbott nos Estados Unidos, fez com as ruas de Paris, a fotógrafa perseguiu com sua câmera essa Nova York que revela uma cidade convertida em retrato. A foto é, para ela, um meio para ser livre, para viajar até mesmo àqueles lugares que não são apropriados para uma jovem respeitável. «Não sou uma menina decente. Sou fotógrafa. Eu vou a qualquer lugar», respondeu quando ouviu alguém expressar certa preocupação sobre suas escapadas aos bairros problemáticos.



Como seu admirado Atget, Abbott se tornaria uma das mais fascinantes repórteres de sua época, a romancista de toda uma era. «Será lembrado como um historiador do urbanismo, um genuíno romântico, um amante de Paris, um Balzac da câmera, de cujo objetivo podemos tecer um grande tapete da civilização francesa», disse Abbott sobre Atget. Ela também será lembrada como a narradora de toda uma era. ✕

Berenice Abbott
Eugène Atget, 1927
International Center of Photography,
Purchase, with funds provided by the
Lois and Bruce Zenkel Purchase Fund,
1984 (115.1984)

© Getty Images/Berenice Abbott

* Estrella de Diego é professora de História da Arte Moderna e Contemporânea na Universidade Complutense de Madrid e curadora independente. Em novembro de 2016, entrou como membro da Academia Real de Belas Artes de San Fernando.



O otimismo reina entre as mulheres do terceiro setor

TEXTO: CRISTINA BISBAL IMAGENS: LAURA MARTÍNEZ LOMBARDÍA

Uma maneira de entender a economia mais comprometida, sustentável e solidária, o terceiro setor, está ganhando força nos setores público e privado. Esta economia social foi analisada no Foro Demos, onde a Fundación MAPFRE participou para difundir uma nova maneira de investir, através dos Investimentos Socialmente Responsáveis. Mas, além disso, pudemos tomar nota da opinião de algumas das mulheres que participaram deste encontro entre fundações e cidadania. Todas concordam em uma única palavra para definir o futuro que aguarda o terceiro setor e a sociedade civil, essa palavra é OTIMISMO.

OTIMISMO. É o sentimento geral entre os participantes do Foro Demos, realizado em novembro passado em Madrid. E não falamos de um otimismo de perfil baixo. Nem otimismo nas formas ou aparências. Mas no seu sentido mais amplo. De um grande otimismo. Com letras maiúsculas. Todos que estavam lá declararam-se otimistas e declararam que o futuro, apesar dos muitos maus presságios, vai melhorar. E será assim devido ao envolvimento de cidadãos, grupos e empresas.

A força da sociedade civil é reivindicada por aqueles que trabalham por e para os outros. É o caso de Rosalía Arteaga, ex-presidente do Equador e CEO da Fundación Fidal. «Os diferentes grupos que compõem a sociedade civil através de ONGs e outras instituições têm um papel muito importante a ser cumprido. Em primeiro lugar, são muitas

vezes os que dão a voz de alerta em determinadas situações. Em segundo lugar, chegam aonde o Estado não chega. E em terceiro lugar, lidam com tópicos muito variados. E isso lhes dá uma força fundamental». Esta mulher do mundo, para quem a educação de qualidade é essencial para o futuro, entende que vivemos em um momento de esperança («a América Latina é um continente para a esperança!») com muitas mudanças, «um mundo de incertezas» que tem se tornado muito pequeno graças à globalização.

Mais precisamente, essa é outra das circunstâncias que marcarão a sociedade civil, de acordo com Arteaga: «Vivemos em um mundo global no qual devemos introduzir cada vez mais o respeito pela diferença. Eu sou eu e minhas circunstâncias, como dizia Ortega y Gasset. Eu quero que me respeitem,

En el sentido de las agujas del reloj:
Isabelle Le Galo, Rosalía Arteaga, Silvia Bueso, Donzelina Barroso, Sonia Mulero y Blanca Tapia.



mas, ao mesmo tempo, eu tenho que respeitar os demais. Com tanta globalização, o local ajuda a preservar a própria identidade. A partir dessa visão cultural e antropológica da identidade local, poderíamos encontrar aquilo com o que contribuir para viver neste mundo do futuro». É verdade que nem tudo pode ser bom. Seria muito ingênuo pensar assim. E um dos obstáculos encontrados pela ex-presidente do Equador é a política internacional e as relações entre os diferentes povos: «As associações que nasceram com o objetivo do multilateralismo estão em crise profunda. Após a Segunda Guerra Mundial, com a antiga Liga das Nações,

quando queria-se punir um país, a decisão era tomada sem levar em conta as decisões dos demais. Nesse sentido, há uma crise total. Nós, otimistas, pensamos que haverá soluções. Eu acredito na ciência e na tecnologia como possíveis respostas. Os seres humanos são marcados por hábitos, difíceis de mudar. A ciência e a tecnologia são essenciais para alcançar essas mudanças de hábitos, mais além da própria consciência dos seres humanos».

A globalização e a internacionalização também apresentam vantagens. Uma delas é a existência da Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia, uma instituição que

A força da sociedade civil é reivindicada por aqueles que trabalham por e para os outros



«Vivemos em um mundo global no qual devemos introduzir cada vez mais o respeito pela diferença. Eu sou eu e minhas circunstâncias, como dizia Ortega y Gasset. Eu quero que me respeitem, mas, ao mesmo tempo, eu tenho que respeitar os demais»



trabalha com mais de 700 organizações, que incluem associações civis, ONGs, associações jurídicas, religiosas, entre outras. Blanca Tapia é a Gerente de Projetos de Comunicação desta agência e parte de seu trabalho é manter contato regular com uma ampla gama de organizações desse tipo. A partir dessa comunicação, são estabelecidos os principais problemas a serem enfrentados e o caminho para mitigá-los no futuro. Um dos âmbitos em que a agência trabalhará em breve é a melhoria do marco regulatório. Tapia: «Não podemos lutar contra as leis dos países. Temos que encontrar a chave para respeitar o direito nacional». Em outras palavras, a legislação estabelecida deve

ter como fim «assegurar que não sejam impostas exigências desproporcionais às organizações da sociedade civil e que não tenha um impacto discriminatório sobre elas, reduzindo assim o espaço da sociedade civil. Ao fazê-lo, devem respeitar plenamente a legislação aplicável da UE e os tratados internacionais pertinentes».

O outro grande problema das organizações da sociedade civil é – e não poderia ser de outra forma – o financiamento. Tapia diz: «Temos que garantir que o trabalho da burocracia para os financiamentos seja mais fácil». Um dos documentos da Agência prossegue: «Nas áreas de livre circulação de capitais, as organizações da sociedade

«Creio que estamos vivendo um tsunami social de generosidade. Pessoas que mobilizam pessoas para apoiá-las com contribuições econômicas ou em espécie»

civil devem ter a liberdade de solicitar, receber e utilizar o financiamento não apenas de órgãos públicos de seu próprio país, mas também de doadores institucionais ou individuais, de autoridades públicas e de fundações de outros Estados ou de organizações, agências ou organismos internacionais».

convicta, capaz de transmitir esse sentimento a seus interlocutores: «Creio que estamos vivendo um tsunami social de generosidade. Pessoas que mobilizam pessoas para apoiá-las com contribuições econômicas ou em espécie. E vamos ver esse movimento cada vez mais. E em todas as áreas:



O DINHEIRO. O grande problema do Terceiro Setor: obter financiamento sempre tendo em mente a transparência e a independência. É aí que entram em cena pessoas como Silvia Bueso, especialista em comunicação e captação de recursos. Ela é uma otimista

social, cultural, educacional, da saúde, pesquisa... Sim, a ideia é acabar com as diferenças e desigualdades. As pessoas têm que entender que as coisas podem ser mudadas». E já estão mudando!

«A boa notícia é que almas generosas e com coração ajudam a

arrastar mais almas generosas. São como *startups* sociais que se dedicam a ajudar os outros. Por isso, vejo cada vez mais e mais futuro para o terceiro setor. O contexto é de reduções de ajudas do Estado nas áreas sociais. E aonde o Estado não chega, esses projetos são liderados por pessoas

parece que está no caminho certo, «fundações e outras associações serão a parte social e generosa da sociedade». Uma das razões para o otimismo de Bueso tem a ver com o fato de que as empresas estão interessadas em que suas marcas criem «conversações solidárias».



waw com os projetos *waw* e liderança *waw* que trabalham para alcançar um mundo melhor». Aí entra seu trabalho de pedir ou, como ela diz, ser uma «pedióloga». Claro que, para pedir, primeiro deve-se dar e saber comunicar. Se isso for alcançado, e

Sonia Mulero, diretora da Fundación Banco Sabadell, concorda com Silvia nesse ponto e em outros mais. «Vejo que o terceiro setor tem um grande futuro. E tem devido aos jovens. Para eles, o envolvimento social das empresas é muito importante.

Por outro lado, para as empresas, é interessante que seus funcionários tenham feito ou façam algum tipo voluntariado, algo que não acontecia até agora. Tanto é que muitas vezes pedem ao candidato que especifique no CV se já realizou algum trabalho voluntário». E há mais, porque Mulero também provou através de seu próprio trabalho que “colocar o talento das empresas a serviço do terceiro setor é interessante». No Banco Sabadell, por exemplo, estão tentando fazer com que os funcionários encontrem no trabalho voluntário um incentivo laboral. E estão conseguindo.

Mas a comunicação é muitas vezes um obstáculo. Outro ponto que Bueso e Mulero concordam. Mulero diz:

«Você tem que explicar muito bem a quem te financia, qual é o seu projeto, mostrar a proposta de valor diferencial que você apresenta, mas também o impacto do que você faz: ser criativo para vender propostas de valor». E continua: «Para mim, a chave para o futuro do Terceiro Setor é trabalhar em propostas sustentáveis em termos de economia e recursos e buscar novas maneiras de trabalhar em rede. E ser capaz de capacitar os talentos internos. O impacto deve ser social; a gestão, empresarial».

Nesse sentido, a filantropia familiar também pode desempenhar um papel importante. A fundação Rockefeller é um exemplo. Assim explica Donzelina Barroso, Diretora de Filantropia Global

Para as empresas é interessante que seus funcionários tenham feito ou façam algum tipo voluntariado, algo que não acontecia até agora.



«A chave para o futuro do Terceiro Setor é trabalhar em propostas sustentáveis em termos de economia e recursos e buscar novas maneiras de trabalhar em rede»

da Rockefeller Philanthropy Advisors. «Já estão na sétima geração da família envolvida na filantropia. Agora contam com a vantagem de que os jovens consumidores estão mais conscientes de questões relacionadas à sociedade civil e estão interessados em saber

como as empresas também trabalham nesse sentido. O sucesso da empresa é devolver à sociedade o que esta lhes deu».

De acordo com tudo que ouviu em Demos, «todo mundo futuro será melhor». Palavra de Rosalía Arteaga. ✕



Fundación MAPFRE no Foro Demos com os ISR

Apostamos na inovação social e em uma nova consciência na hora de consumir e de investir. Mercedes Sanz, Diretora da Área de Seguros e Previdência Social da Fundación MAPFRE, também esteve presente no Foro Demos, difundindo os ISRs, Investimentos Socialmente Responsáveis. «Os investimentos sustentáveis interessam e afetam todas aquelas pessoas que querem

apoiar projetos que aspiram transformar a sociedade, desde um grande investidor até aqueles que têm apenas uma pequena conta poupança em um banco ou contrataram um plano de pensão» afirma. Para essa especialista, a importância dos «ISR» é que «convertem a atividade de investimento em uma maneira de melhorar o mundo além da mera rentabilidade».



‘Sé Solidario’, onde os pequenos sonhos se tornam grandes

TEXTO: ANTONIA ROJO IMAGENS: ISTOCK

O programa Sé Solidario da Fundación MAPFRE dá visibilidade a pequenas entidades e as coloca em contato com empresas e pessoas comprometidas com sua responsabilidade social.

Na última cerimônia dos Prêmios Goya, concedidos pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas da Espanha, ‘Campeones’, dirigido

por Javier Fresser, ganhou o prêmio de melhor filme. Um de seus atores, Jesús Vidal, recebeu um prêmio histórico de melhor ator revelação, o

primeiro outorgado a um intérprete com uma diversidade funcional visual. Em seu discurso emotivo, um dos momentos mais assistidos do

evento transmitido pela Televisão Espanhola, Vidal disse que só lhe vinham «à cabeça três palavras: inclusão, diversidade e visibilidade».

Muitos outros campeões buscam cumprir em nosso país este triplo desafio enunciado pelo ator premiado. Entidades que nascem da necessidade mais próxima, do compromisso de proximidade ou do sofrimento na própria pele. Assim como também são campeãs aquelas empresas com vocação solidária que buscam apoiar causas relacionadas ao seu espírito e, assim, cumprir suas responsabilidades para com a sociedade. No centro dessa rede de vontades está o programa #SéSolidario da Fundación MAPFRE.

Um dos objetivos do #SéSolidario é dar voz a essas iniciativas de pequeno formato e de grande coração, além de dar suporte formativo e econômico. Outro objetivo é servir de ponte entre essas necessidades sociais e a vontade de tantas empresas e indivíduos de satisfazê-las. Como? Bem, por exemplo, implementando programas de voluntariado corporativo. Ou apoiando projetos através de ações de micro doação.

É o caso, por exemplo, da Fundación Tengo Hogar, que atualmente abriga 67 famílias desfavorecidas. São pessoas que, vendo-se à beira de viver em situação de rua devido a um revés laboral e econômico, são ajudadas a desenvolver todo o seu potencial e a recuperar uma vida digna. «Facilitamos o acesso à moradia, os ajudamos a reestruturar suas fontes de renda através do acesso ao

emprego ou ao trabalho autônomo e fornecemos um acompanhamento personalizado em apoio a todas as suas necessidades», descreve a entidade.

Com eles, Deisy e seu filho com diversidade funcional recuperaram a esperança de uma vida melhor enquanto ela trabalha e se forma como Auxiliar de Enfermagem: «Eu quero continuar lutando, porque agora sei que posso, com o apoio da fundação e de muitas outras pessoas que também me ajudaram».

No caso do projeto «Por un futuro mejor», da associação Altamar Educación y Familia, de Málaga, o objetivo é combater o absenteísmo escolar e oferecer oportunidades para as crianças nos bairros de La Trinidad e El Perchel, duas zonas muito afetadas pelas consequências da pobreza e da marginalidade.

Ou as histórias da Fundación Amigos de los Mayores, onde pessoas idosas como Candelas encontraram sua «princesa», «a princesa dos meus sonhos», em Guadalupe, a voluntária que a visita há dez anos. Assim como ela, outros 800 idosos se beneficiam do apoio emocional oferecido por seus voluntários, que os impedem de se isolar de seu meio social, o que resulta em uma melhora na qualidade de vida.

No outro extremo da idade estão as crianças com deficiência intelectual que são atendidas pela APANID, uma associação com meio século de história que criou o projeto com o nome mais poético possível: «A poderosa chave do meu olhar abre novos horizontes». Mas

também tão concreto que propõe o uso de tablets e computadores com reconhecimento ótico para ajudar crianças com necessidades especiais a se comunicarem com suas famílias, em alguns casos pela primeira e emocionante vez, e para encorajar sua independência e aprendizado.

As crianças também são atendidas pela Fundación Ana Carolina Díez Mahou, de Santander. Neste caso, com doenças neuromusculares de origem genética (principalmente mitocondriais e distrofias). «O mais importante é não pensar no que aquela criança não pode fazer, mas focar no que realmente pode ser alcançado», defende a voluntária Fátima Escudero, porque «é o que pode trazer felicidade para a criança e também para suas famílias e para as pessoas que a rodeiam». Com esse objetivo, nasceu o projeto «Primera Estrella», que proporciona a 70 crianças atenção individualizada de fisioterapia em sala, terapia em água, musicoterapia e terapia com cães, em instalações adaptadas às suas necessidades específicas.

Todos eles já são projetos «campeões» para todas as pessoas que participam, apoiam ou frequentam, graças ao cuidado e à qualidade que dão para serem artesãos do compromisso com os outros. Campeões que graças ao programa #SéSolidario podem melhorar suas «marcas», superar suas limitações, alcançar novos objetivos e ganhar essas medalhas que só são conquistadas graças à felicidade dos demais. ✖





Ensinar a ensinar

TEXTO: MIGUEL ÁNGEL BARGUEÑO IMAGENS: INTERED

Fornecer ferramentas para desenvolver uma educação inclusiva é o objetivo de um projeto de formação de professores realizado na República Dominicana desde 2015.

Até recentemente, em muitos cantos do mundo, as crianças que possuíam alguma deficiência ou apresentavam problemas de aprendizagem cresciam confinadas em casa. Sua possibilidade de progresso era anulada ou limitada. Isso acontecia com especial frequência nas áreas rurais da República Dominicana, tanto é que as autoridades do país lançaram uma campanha com o slogan «Saia do esconderijo». «Às vezes, os pais os escondiam por vingança; outros, devido à ignorância, condições econômicas precárias ou porque viviam em um entorno onde não havia escolas. Nestas, seriam marginalizados pela incompreensão dos professores. Era importante mostrar-lhes que essas crianças, com suas peculiaridades, têm direito à educação. Temos que garantir espaços e adaptar os sistemas de ensino», afirma Beatriz Gallart.

Gallart, espanhola, vive na República Dominicana há seis anos; os últimos quatro foram dedicados a colocar essa ideia em prática. Como coordenadora da delegação da ONG InteRed na República Dominicana, supervisiona o curso de Educação

Inclusiva que a entidade para a qual trabalha, em colaboração com a Fundación MAPFRE e várias instituições do governo local, criou em 2015. No InteRed compreendem a inclusão no seu sentido mais amplo. Como explica Ana García Morales, responsável na Espanha pela delegação da República Dominicana, consiste em «garantir que a educação chegue a todas as crianças, independentemente de suas circunstâncias, de suas situações particulares, de suas capacidades, que podem ser diferentes». Eles focam em qualquer diversidade que possa existir na sala de aula. «Você encontra crianças com algum tipo de deficiência, motora ou intelectual; crianças com síndrome de Down, com autismo; mas também cegos, surdos... há quem tenha hiperatividade, falta de atenção, dispersão... ou que tenha uma realidade complexa em casa, com a família, pelo contexto em que vive, o que também afeta o processo de aprendizagem», descreve.

O curso é destinado a professores do sistema público de ensino e profissionais que trabalham com crianças em risco de exclusão. O objetivo é fornecer aos

educadores ferramentas específicas para que possam dar aos seus alunos a educação que merecem. Até agora, os professores sentiam frustração toda vez que uma dessas crianças chegava à sala de aula. «No começo, nos diziam que sentiam um fardo e uma culpa porque não sabiam como responder», diz Beatriz Gallart. «Quando há uma criança com algum tipo de deficiência em sala de aula, os professores muitas vezes nem sabem qual síndrome eles têm. Há professores que não os querem e os retiram da sala de aula diretamente, e os pais os levam para casa. Ou a direção da escola os realoca em outra sala de aula, porque há outros professores que desejam recebê-los. Isso acontece continuamente. Não há uma capacidade de resposta dentro das escolas para isso». Fora das escolas, nos centros de atenção aos deficientes, eles sabem agir, “mas intervêm pontualmente», acrescenta Gallart. «Eles desenvolvem a coordenação, se este for o problema, ou a fala, mas essa criança tem que estar inserida na sociedade, e a escola é um espaço social onde essa criança deve ser integrada. Através deste curso, eles aprenderam maneiras de intervir».



Assim, a cada ano, no Centro Cultural Poveda de Santo Domingo – uma instituição de prestígio no país, especializada na formação de professores –, 40 professores, psicólogos, fisioterapeutas e outros profissionais participam do Curso em Educação Inclusiva que tem uma duração de 172 horas divididas em vários módulos ao longo de cinco meses (as aulas são geralmente ministradas aos sábados, de modo que não interfere no trabalho diário dos professores). «O professorado, por vezes, carece de estratégias, desse hábito de pesquisa, de estudo, de repensar continuamente a forma como eles podem conduzir as aulas para melhorar a sua prática e que redundará no desenvolvimento pleno do potencial destes alunos. Em uma sala de aula, você pode encontrar realidades muito diferentes, e o professor tem um desafio importante, primeiro

para identificar essa diversidade e depois respondê-la. Esse é o objetivo principal», reforça Ana García Morales. A seleção de assistentes é feita de acordo com o Ministério da Educação da República Dominicana. A equipe que leciona as aulas é constituída por profissionais dominicanos formados em cada uma das disciplinas.

Nestes quatro anos, o projeto cresceu. Seu programa é cada vez mais ambicioso. No último, foi incluída uma parte prática. Divididos em grupos, os inscitos devem primeiro abordar uma investigação teórica de um problema específico e depois visitar um centro especializado. «No final do curso, eles devem mostrar o plano de ação que realizaram em seu trabalho e o impacto que ele teve», diz Gallart, que se mostra entusiasmada com a evolução. «Agora nos foi sugerido que

façamos um mestrado», conta. InterRed está em operação desde 1995 com diferentes iniciativas na República Dominicana. «É um país com muito potencial, a sociedade civil é muito motivada. Apesar de sua complexidade, é um contexto afável para trabalhar e muitas possibilidades de mudança», diz Gallart.

Educação como motor da mudança

A educação é um dos pilares fundamentais da ação social da Fundación MAPFRE. É também uma das principais linhas de atuação do InteRed, com foco em seu caráter inclusivo e, neste caso, dirigido aos professores. Eles acreditam que estes são os agentes-chave para garantir o desenvolvimento pessoal e social de crianças e jovens. «A educação é o motor da mudança em qualquer sociedade», diz Ana García Morales. «Ter acesso a uma formação te desenvolve como pessoa, te dá oportunidades não somente a nível profissional, mas a nível pessoal; no desenvolvimento individual as opções se multiplicam. A capacidade de participar na sociedade, na sua comunidade, interagir com a sua família... é a base para o desenvolvimento de uma pessoa. É por isso que falamos de uma educação transformadora: que amplia o conhecimento mas também os valores, olhares, formas de compreender o mundo, e que nos levará a uma forma de participar e atuar diferente nele, que vai repercutir no nosso bem-



estar e, é claro, nas pessoas que temos a nosso redor».

Essas iniciativas acabam formando uma espécie de cadeia, na qual todos os atores aprendem. Os professores melhoram suas habilidades. Entre eles, há histórias verdadeiramente tocantes como a de Nathali Jiménez, uma mulher que é professora em uma penitenciária e, ao mesmo tempo, mãe de uma criança com paralisia cerebral. «Aprendi que o conceito de educação inclusiva implica que todas as crianças, jovens e adultos de uma determinada comunidade possam aprender juntos, independentemente de suas condições pessoais, sociais, culturais e religiosas... Hoje sinto que tenho uma grande responsabilidade de transmitir e aplicar o que aprendi, porque fui formada para fazer a mudança e ser uma pessoa mais inclusiva», diz Jiménez.

Os alunos se beneficiam do conhecimento dos professores. E também, finalmente, é mais proveitoso para os próprios organizadores. A partir desses projetos surgem sinergias muito enriquecedoras, de modo que uma experiência na República Dominicana pode acabar propiciando ideias para que um projeto semelhante seja lançado em outra parte do mundo. Isso é corroborado por Andrés Díaz, coordenador do programa do InteRed. «Não se trata apenas de ir lá e aprovar um projeto, queremos que essa experiência impacte outros projetos em que trabalhamos, com outras



realidades». Por exemplo, o conhecimento adquirido no programa da República Dominicana poderia alimentar ações como a que o InteRed começa a desenvolver sobre questões de interculturalidade e gênero com menores recém-chegados à Espanha. «Olhando para o futuro, gostaríamos que o feedback fosse compartilhado com os outros», diz ele. Além disso, colaborar com a Fundación MAPFRE é uma oportunidade valiosa para o InteRed. «O cruzamento de formas de trabalho cria para nós um importante campo de aprendizado», diz Díaz. Em algumas fases deste projeto, houve funcionários da MAPFRE que ministraram módulos como parte do processo de formação de professores.

Atualmente, o curso é um projeto robusto e profundamente enraizado no sistema educacional daquele país. «Nós consolidamos uma estratégia de intervenção educacional na inclusão. Também estabelecemos um consórcio de organizações governamentais, privadas, sociais... de diferentes tipos, unidas por um objetivo comum. E isso está gerando um impacto positivo na política educacional na República Dominicana. Em quatro anos, geramos um modelo de trabalho. Estamos promovendo pequenas mudanças que envolvem grandes mudanças para cada pessoa que termina o processo formativo. Modifica seu dia a dia na escola», diz Gallart. «E isso impacta as crianças e seus pais positivamente». ⊗



Investir com um olhar sustentável

TEXTO: RAMÓN OLIVER IMAGENS: LAURA MARTÍNEZ LOMBARDIA

Os Investimentos Socialmente Responsáveis (ISR) representam uma mudança de rumo dos investimentos financeiros para abordagens cada vez mais sustentáveis e de responsabilidade social. A Fundación MAPFRE está promovendo uma maneira de investir que busca não apenas a lucratividade, mas que também presta muita atenção ao destino que é dado a essas contribuições.



A imagem de Michael Douglas no filme *Wall Street*, o «tubarão» das finanças, tão cheio de arrogância, com poucos escrúpulos, usando suspensórios chamativos e golas engomadas, tomou conta do imaginário coletivo. Era o final dos anos 80, e esse filme visionário já antecipava o que vinte anos depois acabaria explodindo diante das sociedades contemporâneas. Lamas de práticas financeiras especulativas que primavam pela máxima rentabilidade acima de qualquer outra consideração. A mensagem era clara: ganhar dinheiro acima de tudo. Uma equação na qual não havia espaço para questões éticas ou sociais.

Hoje, os suspensórios ainda fazem parte do guarda-roupa de muitos dos atuais *brokers* que operam nos ‘parquets’, e a busca por dividendos continua sendo o objetivo legítimo dos investidores, mas algumas coisas mudaram. «A imagem da indústria financeira foi muito prejudicada após a crise de 2008 e anos posteriores», afirma Alberto Matellán, economista-chefe da MAPFRE INVERSIÓN. Em 15 de setembro de 2008, a falência estrepitosa do Lehman Brothers, o quarto maior banco de investimento dos Estados Unidos, simbolizou eloquentemente o fim de um ciclo e de uma maneira de conceber os mercados financeiros.

O conceito de «investimento responsável» não é completamente novo. «Já no século XVI, na Escola de Salamanca, aqueles que se consideravam os primeiros economistas da história, pensavam que o investimento, como toda ação

A quebra do banco Lehman Brothers em 2008 simbolizou eloquentemente o fim de uma maneira de conceber os mercados financeiros.

humana, deveria estar sujeito a limites éticos», lembra Matellán. A chegada das filosofias materialistas e utilitárias predominantes no século XX obscureceu essa ideia, que hoje reaparece fortemente como reação às desordens geradas pela crise. Segundo dados do SpainSIF, os investimentos sustentáveis já atingem quase metade do mercado nacional de fundos. 46% do mercado de instituições de investimento coletivo e fundos de pensões, equivalente a um volume de 185 bilhões de euros, já se enquadram nesta categoria. E os números continuam a crescer. A pesquisa Global Sustainable Investment situava os aumentos de ativos em investimento sustentáveis em 60% entre 2012 e 2014 e em 25% entre 2014 e 2016.

Mas o que é exatamente um investimento socialmente responsável? Mercedes Sanz, diretora da Área de Seguro e Previdência Social da Fundación MAPFRE, resume este conceito como «uma forma de investimento que acrescenta dois elementos

diferenciais à mera busca de rentabilidade financeira: ESG (meio ambiente, social e boa governança) e sustentabilidade a longo prazo». Para essa especialista, a importância dos «ISR» é que «convertem a atividade de investimento em uma maneira de melhorar o mundo além da mera rentabilidade». Nesta visão, Matellán acrescenta que, do ponto de vista estritamente econômico, os investimentos sustentáveis «tentam incluir na análise todas as externalidades possíveis, a fim de minimizar as negativas e maximizar as positivas». Um objetivo que pode ser alcançado através de várias estratégias: «de exclusão (evitar investir em empresas ou instituições com más práticas), do “melhor” (investir apenas em empresas com as melhores práticas) ou de impacto (aquelas que perseguem um objetivo extra financeiro concreto e mensurável)».

A terminologia usada para se referir a este tipo de operações financeiras pode gerar certa confusão. Não é o mesmo falar de investimento «sustentável», ”, que geralmente refere-se a produtos de investimento massivo para clientes tanto institucionais (empresas) quanto varejistas (fundos de investimento); e de investimento «solidário», de caráter mais filantrópico e que, basicamente, tem mais a ver com fundos que doam parte de sua rentabilidade.

Os pequenos investidores tomam consciência

São os investidores institucionais que respondem pela grande



maioria desses investimentos (93%, segundo a SpainSIF). No entanto, o número de pequenos investidores que passaram a olhar minuciosamente para o destino dado ao seu dinheiro dobrou em apenas dois anos. «A maioria dos poupadores não se preocupa em saber o que fazem com seu investimento ao contratar, por exemplo, um fundo ou um plano de pensão. Mas isso está mudando e, atualmente, as pessoas passam a exigir explicações dos gerentes sobre suas economias para conhecer não apenas a evolução de sua lucratividade, mas também para garantir que seus investimentos estejam alinhados com seus princípios. Esse é o conceito real de investimento responsável», conta Alberto Matellán.

A falta de informação é um dos grandes obstáculos que ainda

A falta de informação é um dos grandes obstáculos que ainda separa os pequenos investidores desse tipo de investimento.

separa os pequenos investidores desse tipo de investimento. «Infelizmente, nem todos os gerentes de investimentos ou assessores patrimoniais estão preparados para fornecer essas informações, muito menos para realizar a análise adequada», lamenta Matellán. E é que a falta de transparência tem sido a tendência

geral em muitas dessas operações ao longo dos anos.

Uma situação que, no entanto, está mudando pouco a pouco graças à pressão social e à acessibilidade cada vez mais clara às informações fornecidas pelas novas tecnologias. «O desejável é que o investidor/poupador esteja totalmente informado e bem assessorado sobre os produtos que contrata, e que a entidade com a qual ele contratou o produto seja quem forneça essa informação», afirma Javier Garayoa, presidente da SpainSIF, a plataforma de encontro e referência em matéria de investimento sustentável e responsável na Espanha. A partir desta instituição, recorda-se a importância do contrato firmado com a entidade administradora que contenha essa obrigação de fornecer informações detalhadas.

Moda ou posicionamento de mercado?

Não faltam vozes que olham com ceticismo para a combinação dos termos «investimento» e «sustentável», como se fossem conceitos incompatíveis. Água e óleo. Entre outras coisas, a sua rentabilidade é posta em causa – o princípio fundamental subjacente a todos os investimentos.

Os especialistas, no entanto, discordam. «A priori, podemos pensar que os investimentos sustentáveis envolvem mais custos de análise, ou que significam abrir mão de oportunidades. Mas na prática foi demonstrado que, com esse processo de investimento, são escolhidas empresas com uma

Os Investimentos Socialmente Responsáveis acrescentam dois elementos diferenciais à mera busca de rentabilidade financeira: ESG (meio ambiente, social e boa governança) e sustentabilidade a longo prazo

maior capacidade de sobrevivência ao longo do tempo, menos expostas a riscos e escândalos e mais favorecidas por seus clientes», argumenta Alberto Matellán. Uma análise com a qual Javier Garayoa concorda. «Investir responsabilmente significa correr menos riscos, dado que a análise convencional é acrescentada ao extra financeiro, enquanto permite aproveitar as oportunidades a longo prazo», sintetiza.

Outra das dúvidas levantadas pelos IRS referem-se aos seus motivos. Até que ponto estes respondem a um posicionamento de mercado genuíno e fundamentado ou são um mero produto da moda? O relatório ESG Investing Goes Mainstream, preparado por JP Morgan, afirma

que o ISR está se tornando uma tendência dominante, porque os investidores «querem minimizar o risco operacional e de reputação sem sacrificar a lucratividade». Para Matellán, existe um claro conflito entre a necessidade de aderir à uma onda imparável e os recursos necessários para fazê-lo bem. «O cidadão comum está convencido de que uma parte muito importante da parafernália que envolve os investimentos responsáveis é apenas uma imagem de marketing com muita pouca realidade por trás disso. E não está errado. Mas o fato de que esse componente existe não nos impede de reconhecer que, se as coisas são bem-feitas, há investimentos responsáveis que são sérios e têm um impacto muito positivo».

Mercedes Sanz acredita que é importante que a sociedade em geral conheça e entenda o que são os ISRs e o que eles representam do ponto de vista social. «Os cidadãos devem ser capazes de diferenciar as empresas e os investimentos socialmente responsáveis daqueles que não o são. O investimento sustentável interessa e afeta todas as pessoas que querem apoiar projetos que desejam transformar a sociedade, desde um grande investidor até aqueles que têm apenas uma pequena conta de poupança em um banco ou contrataram um plano de pensão. Por este motivo, nós da Fundación MAPFRE estamos gerando conteúdos informativos que se encontram em nosso Projeto Seguros e Pensões para Todos». ✕



Um momento da dinâmica de investimento responsável que Fundación MAPFRE realizou no Foro Demos em dezembro passado

Fatores ASG/ESG

Ambientais: mudanças climáticas, consumo de energia, gestão e tratamento de resíduos, emissões, etc.

Sociais: direitos humanos, trabalho infantil, saúde e segurança, pobreza, deficiências, desigualdade...

Boa governança: qualidade da gestão, independência, transparência, conflitos de interesse, remuneração, relações com acionistas e grupos de interesse, relação com os empregados.

A experiência da MAPFRE

«A MAPFRE está se tornando uma das líderes em investimentos responsáveis na Europa. Assinamos os Princípios para o Investimento Responsável das Nações Unidas, além de participar de muitos outros fóruns e associações relacionadas a ele. Mas o mais importante é que estamos fazendo isso de baixo para cima: estamos convertendo todo o nosso processo de investimento, desde a definição de classes de ativos, até os produtos que oferecemos, passando pela análise e construção de portfólios, para que tudo isso leve em conta esses impactos para o resto da sociedade».

Alberto Matellán

Economista-chefe da MAPFRE Inversión



Abigail
Abigail Kelly
Marketing & Communications

Rachel
Rachel Wilson
Marketing & Communications

bugaMAP, quando jogar com os seguros é tão apaixonante como Monopoly

TEXTO: ÁNGEL MARTOS IMAGENS: ¡¡¡ FALTA !!!

Existem jogos populares como Monopoly, Scattergories ou Agrícola, nos quais testamos nossa habilidade em ter sucesso nos negócios, na guerra ou em uma fazenda. Por que não aplicar essas regras à formação universitária e empresarial? Esse processo é chamado gamificação e, no mundo dos seguros, tem um nome próprio: bugaMAP.

O MAPFRE Stadium é o primeiro estádio de futebol construído nos Estados Unidos para sediar exclusivamente a prática do esporte rei. Sua construção em Columbus, capital do estado de Ohio, no final do século XX, revela a força deste jogo em um país que se recusa a se inclinar ante seu atrativo global, contra o rugby americano, beisebol ou basquete. A subsidiária norte-americana da multinacional espanhola de seguros apostou em 2017 para renomear o estádio com seu nome com um objetivo claro: «Não só reforça nossa marca nos Estados Unidos, mas também destaca nosso vínculo com o mercado local», explica o CEO Jaime Tamayo. Mas esse não é o único «jogo» ao qual o nome “MAPFRE” está vinculado nesse estado.

O escritor George Orwell disse que o futebol «não tem nada a ver com o jogo limpo [...], é a guerra sem os tiros». Você pode ou não concordar com o brilhante autor de 1984. Mas a verdade é que a capacidade do futebol e, em última análise, de qualquer esporte ou jogo, de representar a realidade sem morrer na tentativa está na base do conceito de gamificação.

Também conhecida como ludificação, a *gamification* (no mundo anglo-saxão) consiste em empregar dinâmicas recreativas ou competitivas, sujeitas a regras nas quais se ganha ou se perde, a ambientes alheios a esse ponto de vista, como é o ambiente de trabalho e das empresas. O objetivo é potencializar os valores inerentes à prática de qualquer jogo, como a concentração, o esforço e o comprometimento,

com o objetivo de influenciar e motivar grupos de pessoas.

O conceito de gamificação tornou-se tão popular que algumas de suas propostas mais ousadas se tornaram lendas urbanas, como a seleção de pessoal através das habilidades demonstradas nos videogames. Diziam (e alguns acreditavam) que as salas de consoles com moedas que crianças e adolescentes frequentavam depois de sair da aula ou nas tardes de domingo também eram centros de recrutamento de talentos ocultos, geralmente militares e geralmente adeptos da matança de marcianos digitais. Houve até um filme de culto dos anos 80, *The Last Starfighter* (1984) em que um jovem viciado em um desses jogos espaciais foi capturado por uma inteligência extraterrestre para lutar contra algum mal interestelar.

O interesse da premissa parece prevalecer até hoje, uma vez que Hollywood já está pensando em fazer uma nova versão do filme...

Jogos de simulação aplicados ao mundo empresarial existem e são usados há muitos anos. Na verdade, são uma parte fundamental da formação dos quadros de gestão, pois permitem o desenvolvimento de elementos-chave para o seu desempenho. Além disso, são considerados muito úteis e livres

MAPFRE) nasceu alguns anos depois na Espanha, em 1987, e desde então, tem sido atualizado como uma de suas atividades de treinamento mais bem-sucedidas, tanto na Espanha quanto no exterior. Este é o caso em Ohio, onde todos os anos cerca de 1.200 alunos estudam algum tipo de graduação relacionada às ciências do seguro. Lá, a presença da *MAPFRE* vai além do patrocínio do estádio de futebol da equipe

opções que tínhamos que fazer para ganhar mais participação de mercado e gerar lucros que pudéssemos investir para ganhar mais dinheiro ou baixar os preços para crescer mais rápido». Quem fala assim, com paixão, não é o gerente de uma empresa, mas Cassi Cronin, um dos universitários que participou do programa *bugaMAP* da Fundación *MAPFRE* em Ohio, o jogo de simulação de negócios aplicado ao mercado de seguros. Seu objetivo explícito? Fazer com que os participantes adquiram uma visão global das diferentes áreas de gestão de uma companhia de seguros. E o implícito, se houvesse? Dissolver esse imaginário de tédio que tradicionalmente atribuímos à prática da corretagem de seguros. Não em vão, em nossa cultura maniqueísta sempre nos opomos ao conceito de liberdade. Como se o prudente fosse o oposto do divertido e os seguros o lado sombrio das piadas. É uma luta que, pelo menos a nível de marketing, parece difícil de vencer. E embora grandes clássicos da imaginação como Miguel de Cervantes ou Franz Kafka tenham passado a vida elaborando políticas, o certo é que um seguro parece ter mais ciência do que romance.

No caso do programa *bugaMAP*, as equipes representam cinco seguradoras diferentes competindo em um único mercado. Durante três ou quatro rodadas, os estudantes têm que tomar decisões de negócios



de riscos, pois representam uma forma de aprendizado semelhante à prática laboral, mas sem o medo das implicações que poderiam ocorrer na vida real, como resultado dos erros cometidos. Por esse motivo, as multinacionais líderes utilizam os simuladores de negócios como uma ferramenta fundamental em seus programas de capacitação e até mesmo para selecionar talentos nas universidades.

Os primeiros jogos desse tipo que são conhecidos no mercado de seguros datam dos anos 70. O *bugaMAP* (de *business game*

local, estando presente também no sistema de ensino universitário. Seu programa de gamificação, impulsionado pela Fundación *MAPFRE*, chamado *bugaMAP*, tornou-se uma competição estudantil de âmbito estadual, onde equipes de cinco pessoas de diferentes campi se reúnem para ver quem consegue dirigir a companhia de seguros mais bem-sucedida.

«Estávamos no alto [da competição] e, de repente, eu estava louco para entender como funcionavam as diferentes

diferentes diante de cada uma de suas empresas e com base nos principais fatores competitivos, como comissões de agentes, prêmios, resseguros, ratios vinculantes, despesas...

Depois de cada rodada, cada seguradora recebe um relatório indicando sua participação de mercado, os índices de rentabilidade e outros indicadores, bem como sua posição em relação aos outros quatro concorrentes. O jogo permite que os organizadores do bugaMAP simulem algumas condições que podem ocorrer, sem controle, mas com probabilidade, no contexto dado. Por exemplo, um desastre natural que afeta o desenvolvimento do «jogo» e ao qual cada equipe deve responder com o melhor de sua capacidade. No final, a pontuação ponderada mostra qual equipe liderou a companhia de seguros mais bem-sucedida, considerando todas as diferentes decisões tomadas e como elas se comportaram no mercado.

Na edição de 2017, cerca de vinte e cinco estudantes de oito universidades de Ohio chegaram à final realizada na capital, Columbus. Entre as coisas que destacaram por terem participado deste desafio foi justamente a oportunidade de competir. Sentiam que haviam conseguido desenvolver o espírito das principais ligas esportivas, como o futebol, em um campo que inicialmente lhes era estranho, como o da universidade. No entanto, o principal objetivo do jogo é educacional e não procura promover a competitividade. Consiste em simular a atividade de

uma seguradora em um contexto espaço-temporal de mercado. As equipes de alunos têm que tomar decisões para alcançar a prevalência de sua empresa sobre as outras baseadas em três fatores básicos: participação de mercado, lucro e solvência.

Albert Einstein disse que «brincar é a mais elevada forma de pesquisa». E como contradizer o gênio da Teoria da Relatividade? Mas talvez neste caso a pesquisa

de aula e nos livros criassem vida... e poder incluir essa experiência no meu currículo é mais uma vantagem».

Nesse sentido, os estudantes ficaram surpresos com o quão difícil era ganhar dinheiro como uma seguradora, dadas as diferentes variáveis que deveriam ser consideradas. Quer crescer muito rápido? Cuidado, porque os lucros podem diminuir. E se eu economizar dinheiro reduzindo os



seja externa e interna. «Eu nunca pensei que o seguro pudesse ser um desafio tão complicado e interessante», disse a estudante Emily Schofield. «Quando penso em seguros, sempre penso na venda de apólices, mas aqui aprendi que isso implica muito mais coisas». Por sua parte, Johnny Hojnacki, membro sênior da equipe vencedora da Universidade de Akron em 2017, disse que participar do desafio bugaMAP tinha sido «uma ótima maneira de passar um sábado, fez com que meu aprendizado na sala

resseguros? Bem, mesmo assim irá pagar mais do que o esperado em alguns incidentes e perder mais dinheiro do que foi economizado no começo... A única coisa certa é que jogar com os seguros não garante o sucesso. Mas tampouco alguém conseguiu garantir que o time de futebol de Columbus vença a liga este ano. Embora, como disse o ganhador do Prêmio Nobel John Nash, um especialista na teoria dos jogos: «Senhores, devo lembrar-lhes que minhas chances de sucesso aumentam a cada nova tentativa...». ✕



Lucía Gómez Martín-Caro, voluntária no Comitê Espanhol do ACNUR

«Qualquer um pode se tornar uma pessoa em busca de refúgio da noite pro dia»

TEXTO: CRISTINA BISBAL FOTO: ALBERTO CARRASCO

Sempre se interessou pelas notícias internacionais. Assim, depois de terminar a graduação em Relações Internacionais, esta madrilena de 25 anos cursou um Mestrado em Estudos Migratórios e de Cooperação no Mediterrâneo. Nesta área encontrou sua vocação. Ela trabalha no aeroporto de Madrid e é voluntária do ACNUR, uma forma de desenvolver, aprender e tentar alcançar uma sociedade mais justa.

Você sempre se interessou pelo voluntariado?

Sim, sempre me interessei pelo terceiro setor e um dos principais pilares deste setor é, sem dúvida, o voluntariado. Eu colaboro como sócia e como

voluntária em várias ONGs desde os meus 18 anos. Acho que é uma maneira muito boa de nos lembrarmos que temos um compromisso com a sociedade e com o futuro dela.



Desde quando você colabora com o ACNUR?

Passei uma temporada na Grécia, com uma ONG, com voluntários internacionais, buscando a integração de famílias de refugiados. Na volta, continuei conectada à situação dos refugiados através da mídia e do meu entorno, e fiquei muito irritada ao ver que, em muitas ocasiões, estavam projetando uma imagem muito equivocada destas pessoas, ao meu ver. Achei necessário sensibilizar a população espanhola e há um ano e meio encontrei a oportunidade de colaborar como voluntária no Comitê Espanhol do ACNUR. Não pensei duas vezes.

Que trabalhos você realiza?

Colaboro na área de Conscientização e Educação para o Desenvolvimento e, especialmente, no projeto de palestras educativas em escolas e institutos da Comunidade de Madrid. São palestras interativas nas quais informamos sobre a realidade dos refugiados enquanto tentamos fazer com que os alunos desenvolvam sua própria análise e reflexão sobre a situação. É uma maneira de sensibilizar usando outras realidades que vão além do que normalmente vemos nos meios de comunicação. Ademais, desde o final de 2018, eu combino essa atividade com outro projeto que conecta a Universidade com o Refúgio e a Agenda 2030, que define os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Nós focamos na organização e desenvolvimento de workshops de formação e jornadas universitárias.

Conte-me o que te motiva nas palestras nas escolas.

Elas são realmente muito interessantes. É surpreendente quando você chega nas escolas e vê que os alunos estão participando ativamente. Há interesse em conhecer e aprender sobre um tema como esse, que hoje é tão midiático. É curioso que muitas vezes chegamos aos centros com o preconceito de que os alunos não terão praticamente nenhum conhecimento sobre o assunto, e você fica boquiaberta com suas reflexões. Eu aprendo muito com eles, e tudo isso torna o trabalho infinitamente mais construtivo e enriquecedor.

Imagino que conhecer refugiados em primeira pessoa impressiona e faz com que você mude seu pensamento sobre o que significa ser um refugiado em outro país...

Desde o começo. Mas não é preciso ser um refugiado para perceber o quão difícil é ter que começar uma vida em outro país que não o seu e as barreiras que você tem que enfrentar. Por exemplo, uma pessoa que teve que deixar a Espanha em busca de trabalho para ter uma vida melhor pode compreender a situação de uma pessoa refugiada quando chega a um país onde a língua, as regras e os costumes são muito diferentes dos seus. É verdade que uma escolhe e outra é forçada a fugir do país precipitadamente por causa de conflitos, perseguições e violações dos direitos humanos, correndo, ademais, um grande risco durante a viagem até atravessar a fronteira do país. Uma vez no país de acolhimento, ainda devem enfrentar situações complexas até conseguirem uma solução duradoura para a sua situação.

Você acha que em nosso país somos sensíveis o suficiente em relação à questão dos refugiados?

As pessoas conhecem o tema e todos os dias ele alcança um espectro mais amplo da população. No entanto, acredito que temos que trabalhar ainda mais e conectar a população espanhola com a realidade dos refugiados na Espanha, para que saibam que somos diretamente afetados devido a nossa história passada. Qualquer um pode se tornar uma pessoa em busca de refúgio da noite pro dia.

Você também trabalha. Como você concilia o trabalho e a vida voluntária?

Muito fácil, me organizando! (risos). Sempre tiro um tempo para o voluntariado, embora dependa muito da semana e do tempo que tenho disponível.

Você fala sobre o quanto aprende no ACNUR. Mas imagino que isso te traz ainda mais coisas a nível pessoal.

Claro! Me permite desconectar e fazer algo que eu gosto e que me motiva. É uma maneira de fortalecer meu compromisso com a sociedade para ajudar a torná-la mais justa e solidária. Me conecta a uma realidade diferente, da qual aprendo habilidades de comunicação, interpessoais e sociais, além de fortalecer minhas habilidades profissionais. O que mais você pode pedir de um voluntariado? ✕



E nasce de novo das cinzas...

TEXTO: ANA SOJO IMAGENS: © MUSEU DO SEGURO DA FUNDAÇÃO MAPFRE

«*Há uma única ave que se regenera e se produz por si mesma: os assírios a chamam de fênix*».

Ovídio, *As Metamorfoses*,
XV, página 490

Se existe um ser mitológico capaz de simbolizar a imortalidade, o renascimento de suas próprias cinzas e o retorno ao ser, é a Fênix. Desde meados do século XIX, esta ave se converteu em um dos emblemas favoritos das companhias de seguros em todo o mundo, especialmente do ramo de incêndios.

Ninguém escapa ao simbolismo que sustenta o mito da Fênix. Fontes clássicas, como Heródoto, situam sua existência no Oriente e a mencionam como um mito do mundo egípcio. Os egípcios a chamavam de Bennu e em sua cultura representava o sol que morre todas as noites para ressuscitar no dia seguinte.

Anos depois, a figura da Fênix é cristianizada e se torna a representação da ressurreição. A tradição cristã, especificamente a Epístola aos Coríntios, parágrafo XXV de São Clemente, diz o seguinte: «Aí existe um pássaro

chamado Fênix, único na espécie e que vive quinhentos anos. Quando está para morrer, ergue seu próprio sepulcro usando incenso, mirra e outras plantas aromáticas e, ao completar seu tempo, aí se introduz e morre. De sua carne em decomposição nasce uma larva que se alimenta da matéria putrefata do animal morto e cria asas [...]».

A iconografia clássica e medieval tem sido usada intensamente para representar a imagem de diferentes companhias de seguros ao longo da história. Além de sua função informativa, as placas cumpriam uma função publicitária: transmitiam os valores e a imagem das seguradoras.

Cenas mitológicas, medievais e animais fabulosos povoam as placas dos seguros: cavaleiros, castelos, coroas, escudos, anjos, dragões, pégasos, grifos, leões alados e galopantes em uma imagem emocionante e brilhante que se pararmos para observar, nos transportará para um mundo prodigioso a ser descoberto.

Hoje em dia a força universal do lendário mito da Fênix segue presente. O nome Fênix é

usado para nomear um grande número de projetos. Empresas e instituições tão variadas como a PEMEX, a CIA, a Real Federação Espanhola de Futebol, etc. usaram o nome Fênix para inspirar e lançar diferentes iniciativas.

E não podemos esquecer que na saga Harry Potter há duas referências importantes: A Ordem da Fênix (que dá nome ao quinto livro) e *Fawkes*, a mascote de Dumbledore que era uma Fênix e cujas penas foram usadas para fabricar as varinhas mais poderosas da saga. ✖

Informação prática do Museu do Seguro

Localizado em Madrid, na rua Bárbara de Braganza, 14, conta com 600 peças expostas e um total de 1.300 conservadas nos fundos da instituição.

Além disso, todas elas estão disponíveis na versão virtual do museu em www.museovirtualdelseguro.com.

Contamos com visitas guiadas gratuitas para grupos, mediante solicitação prévia através do formulário em nosso site.

Algunos ejemplos del ave fénix como imagen de distintas compañías de seguros. Museo del Seguro de Fundación MAPFRE





Sono de qualidade, qualidade de vida

TEXTO: CRISTINA BISBAL IMAGENS: ISTOCK

Nem todo o tempo que passamos na cama estamos dormindo. E nem todo o tempo que dormimos, desfrutamos de um sono de qualidade. No entanto, ter horas suficientes de sono é fundamental para o bem-estar físico e emocional.

É preciso ter somente uma noite mal dormida para entender a relação direta que existe entre o sono bom e abundante e o bem-estar. Basta passar uma noite em claro para mostrar alguma irritabilidade, falta de concentração e até dores no corpo e na cabeça. Claro que, se em vez de ser apenas um episódio esporádico e se tornar algo recorrente, até mesmo habitual, podemos falar de insônia. Ou seja, de um mal que sofrem, segundo a Sociedade Espanhola de Neurologia (SEN), mais de 4 milhões de adultos na Espanha. Dados da Sociedade Espanhola de Neurologia relatam que entre 25 e 35% da população adulta sofre de insônia transitória; e entre 10 e 15%, de insônia crônica.

Nestes casos, podemos falar de consequências graves para a saúde. Na última década, vários estudos mostraram que “a insônia está associada a efeitos adversos à saúde, como a obesidade, diabetes tipo 2, hipertensão e doenças cardiovasculares”, palavras de Jesús Pujol, membro

do Grupo de Trabalho sobre a Insônia da Sociedade Espanhola do Sono (SES). Essa relação tem a ver com a assincronia do ritmo circadiano e com a secreção de insulina, entre outras coisas. Também não se deve esquecer que a falta de sono também leva a uma redução da qualidade de vida e do desempenho diário, déficits cognitivos e de memória e problemas de ansiedade e depressão.

Disso tudo pode-se deduzir que, para ter uma melhor qualidade de vida, é preciso ter mais horas de sono. Algo que, no entanto, fazemos cada vez menos, de acordo com dados recentes do CIS, que afirmam que a média de horas de sono dos espanhóis está abaixo de sete horas. E pouco mais de 10% dizem não chegar a seis horas de sono. Nós não somos uma exceção. O Centro Estadunidense de Controle e Prevenção de Doenças apresenta dados muito semelhantes. Dados que falam de descanso insuficiente na maioria dos casos. Embora não em todos, porque, como comenta

Eduard Estivill, neurofisiologista, pediatra e especialista europeu em Medicina do Sono, no que diz respeito ao número de horas necessárias para descansar, não somos todos iguais. «Para 5% dos adultos cinco ou seis horas de sono é suficiente. Claro, deve ser o mesmo número de horas todos os dias. Isto é, se são pessoas que dormem esse tempo nos dias de semana e nos finais de semana recuperam, é falso, porque o sono não se recupera, se perde, como o tempo. A grande maioria dos adultos precisa de sete a oito horas e meia. Mas cuidado, 5% da população adulta, em contrapartida, precisa de nove horas de sono; e é importante saber que eles não são preguiçosos, apenas precisam de mais horas de sono para estarem descansados».

A questão do número de horas está mais ou menos resolvida. Então surge outro dilema... saber se com esse tempo descansamos o suficiente ou se temos uma boa qualidade de sono. Estivill responde: «O único indicativo que temos é o estado em que nos



encontramos no dia seguinte. Se estamos bem acordados, focados, querendo fazer coisas, e não irritados, significa que tivemos um sono adequado em quantidade e qualidade». Com efeito, nem sempre levantamos nessas condições, mesmo que tenhamos dormido as oito horas habituais. Porque a capacidade do sono de reparar nosso corpo e mente é tão importante quanto o número de horas que dormimos: «Por exemplo, se dormimos ao lado de uma pessoa que se move, chuta, faz barulho, ronca... Mesmo que ela não nos acorde, pode produzir a sensação de que esse sono não foi suficiente. Portanto,

não devemos apenas avaliar as horas, mas também a profundidade do sono, ou seja, passar por todas as fases: profunda, superficial e REM. Só então teremos um sono reparador», diz o diretor da Clínica do Sono. Uma das condições para consegui-lo é dormir à noite. «O cérebro é programado para dormir à noite e ficar acordado durante o dia. Isso é indicado pelo pequeno relógio biológico que temos, um grupo de células, o núcleo supraquiasmático do hipotálamo, que funciona como um relógio e indica essas horas de sono e de vigília. Isto significa que, se tentarmos dormir durante o dia, o sono não será

muito reparador». Em particular, o horário mais adequado para dormir é o das 23:00 às 07:00 horas. «No primeiro período, nas primeiras três ou quatro horas, aparece o sono profundo que é quando descansamos fisicamente. Na segunda parte da noite, temos o sono REM, que é na verdade quando configuramos nossa memória. Ambas as partes são importantes. A primeira para a reparação física e a segunda para a intelectual».

Há quem assegure que ter um bom primeiro descanso é suficiente, mas isso não é verdade. Ambos são igualmente importantes. Estivill continua:

«A função do sono é basicamente a reparação e restauração física, mas também a reparação, armazenamento e configuração da memória. Portanto, se estamos muito cansados, precisamos dormir, especialmente as fases profundas. E se nossa atividade no trabalho não for muito ativa, mas intelectual, precisaremos das mesmas horas de sono para nos sentirmos descansados no dia seguinte. É por isso que temos que dormir sete horas e meia ou oito horas nos momentos certos. É o que nos dará qualidade de sono». E este é o caso tanto de alguém que trabalha em um armazém quanto de um escritor.

O cérebro humano é tão bem feito que sabe até qual é o momento certo de dormir, se quisermos ter um bom descanso. E para que não nos pegue desprevenidos, ele nos averte. «É o que chamamos de *as portas do sono*», diz Estivill. No documento *«Sueño saludable: evidencias y guías de actuación»*, a Sociedade Espanhola do Sono explica: «O sono de qualidade começa aproximadamente duas horas após o início da produção de melatonina, que coincide com o início da fase descendente da temperatura corporal central e da fase ascendente da temperatura da pele distal». É a hora perfeita para fechar os olhos: «Quanto mais tempo a programação do sono se afastar desta janela de tempo, pior será sua qualidade.»

Para aproveitar esse momento favorável, é conveniente preparar o cérebro para desconectar.

Diz Estivill: «Duas horas antes de dormir precisamos nos desconectar das redes sociais, não apenas por causa da ativação mental que elas produzem, mas também por causa do efeito prejudicial da luz azul que esses aparelhos têm. Além disso, temos que fazer uma atividade relaxante, que não tenha nada a ver com a

nossa atividade no trabalho. E, se houverem questões não podem ser resolvidas, deixamos as discussões para o próximo dia». Em suma, como dizia a avó de Eduard Estivill: «Não sei por que você se dedica tanto a essas questões do sono se tudo que você precisa para dormir bem é ter uma consciência limpa».✕



Estes indicadores irão te dizer se o seu sono é de qualidade

Nem sempre é fácil saber se o tempo gasto na cama, mesmo dormindo, é aproveitado como um bom sono. Esses indicadores publicados pela National Sleep Foundation dos Estados Unidos te ajudarão a descobrir.

- Demorar menos de meia hora para cair nos braços de Morfeu é um bom sinal. E não é tão comum quanto se acredita. Lembre-se de que existem atividades que ativam seu cérebro em vez de relaxá-lo.
- Acordar no máximo uma vez durante a noite ou mesmo não acordar até

a manhã seguinte. Pelo contrário, interromper o ciclo do sono em várias ocasiões significa estar cansado no dia seguinte.

- Não ficar acordado por mais de 20 minutos durante a noite indica que você teve um bom descanso. Para isso, diga adeus ao consumo de álcool e cafeína.
- 85% do tempo gasto na cama deve ser dormindo. É o que diz a National Sleep Foundation. Para descobrir, subtraia o tempo que levou para dormir e o que esteve acordado durante a noite do tempo total que passou entre os lençóis.



Rumo ao «objetivo zero»

Conferência *Da visão zero ao objetivo zero? Liderança na melhoria da segurança viária*

TEXTO: RAMÓN OLIVER IMAGENS: ALBERTO CARRASCO

Zero mortes fatais na estrada. Esse é o horizonte ambicioso que cada vez mais nações olham com uma mistura de esperança e muita cautela. E foi também o objetivo da conferência *Da visão zero ao objetivo zero? Liderança na melhoria da segurança viária* que organizamos na Câmara dos Deputados em dezembro passado e na qual participaram os principais especialistas em segurança viária de todo o mundo.

Utopia para alguns, uma possibilidade real para outros, a iniciativa «objetivo zero», que surgiu na Suécia há duas décadas, vem ganhando apoio entre governos, especialmente na Europa, onde países como Holanda, Bélgica, Suécia, Noruega, Finlândia, Luxemburgo e Eslovênia já a incorporaram em seus respectivos marcos regulatórios com leis aprovadas pelos parlamentares. Na Espanha, o objetivo zero ainda não conta com esse aval legislativo. No entanto, os progressos realizados em termos de segurança viária nos últimos anos fizeram do nosso país uma referência internacional, reconhecida pela própria União Europeia. Neste contexto, a Fundación MAPFRE organizou em dezembro passado na Câmara dos Deputados a conferência *Da visão zero ao objetivo zero? Liderança na*

melhoria da segurança viária. Um evento patrocinado pela Comissão de Segurança Viária e Mobilidade Sustentável do Congresso, que contou com a presença de renomados especialistas em segurança viária, tanto espanhóis quanto estrangeiros e onde discursaram o presidente da Fundación MAPFRE, Antonio Huertas, e o Ministro do Interior da Espanha, Fernando Grande-Marlaska. «Precisamos conscientizar todos os cidadãos e os responsáveis pelas políticas de segurança viária de que o único objetivo eticamente aceitável é alcançar zero vítimas graves ou fatais», com estas palavras, Huertas colocou o foco no objetivo da reunião.

Todos os anos, 1.350.000 pessoas perdem a vida nas estradas do mundo (uma a cada 24 segundos), o que representa

mais de 95% do total de mortes devido aos transportes. Os acidentes de trânsito já são a principal causa de morte entre homens jovens. Números que os especialistas consideram inaceitáveis. «Imagine que a cada ano 5 mil aviões caem no mundo. Seria inconcebível. Como é possível, então, que consideremos politicamente toleráveis tantas mortes na estrada?», reflete Matthew Baldwin, vice-diretor geral de Mobilidade e Transporte da Comissão Europeia. As 25.000 mortes em 2017, contra, por exemplo, as 250.000 na África, fazem da Europa um campeão na luta contra acidentes de trânsito fatais. Alguns números que, no entanto, insiste em Baldwin, não são motivo para se gabar. «O único objetivo aceitável é o zero, porque cada morte é mais uma morte que deixa uma família mergulhada em dor», diz. E, como

destaca Julio Domingo, diretor geral da Fundación MAPFRE, «o perigo de falar de estatísticas está em esquecer que por trás desses números sempre há pessoas».

Sistemas seguros

A filosofia «visão zero» implica uma mudança radical na maneira de abordar a segurança no trânsito. «Vinte anos atrás, o custo à vida ou à saúde vinha antes, e toda a responsabilidade era transferida para o usuário. A abordagem era: são os motoristas que geram milhões de euros para o Estado com a sua condução negligente, e preferia-se punir em vez de educar ou prevenir», recorda Claes Tingvall, professor da Universidade de Chalmers (Suécia) e pai ideológico da visão zero.

A nova abordagem, acrescenta Veronique Feypell, da ITF-OECD, transforma a equação da gestão da segurança viária a partir de uma perspectiva tripla. «A abordagem tradicional visava acabar com

Claes Tingvall: «Vinte anos atrás, o custo à vida ou à saúde vinha antes, e toda a responsabilidade era transferida para o usuário»

todos os acidentes; hoje a prioridade são os acidentes fatais. Além disso, antes as políticas eram essencialmente reativas, enquanto hoje trabalhamos mais na prevenção através da identificação de riscos. A última grande mudança é que a responsabilidade pela luta contra os acidentes deixou de recair inteiramente sobre o condutor para ser compartilhada com os gestores políticos».

Álvaro Gómez Méndez, diretor do Observatório Nacional de

Segurança Viária, prefere falar de “sistemas seguros” em vez de «objetivo zero» para evitar que a questão possa ser banalizada. Para esse especialista, a infraestrutura é um fator-chave: «Fazer estradas é caro; torná-las seguras não tanto», afirma. Na mesma linha, Francisco Menéndez, diretor da Agência Galega de Infraestruturas, defende a criação de estradas «que perdoem erros e ofereçam uma segunda oportunidade ao condutor». Sua proposta para atingir este objetivo inclui medidas simples, como «sinalização clara ou a remoção de valas profundas e barreiras desnecessárias».

E é que, diz Tingvall, a velha desculpa de que a segurança viária é cara não se sustenta. «Não é uma questão de quanto dinheiro você gasta, mas de investir da maneira certa», argumenta. Um exemplo de como a inovação está reduzindo significativamente os acidentes graves pode ser encontrado nas rotatórias em cruzamentos conflitantes. Outra medida cada vez mais difundida e que demonstra resultados muito positivos é a fórmula «2 + 1» (duas faixas em um sentido e uma no outro, alternadamente, e uma mediana no meio). «Os seres humanos cometem erros na estrada», diz Matthew Baldwin. «Um sistema seguro deve prever esse fator de falibilidade, com estradas e veículos mais seguros».

Gerenciar a velocidade

Um dado: em 2017, 351 pedestres morreram na Espanha como



«Precisamos conscientizar todos os cidadãos e os responsáveis pelas políticas de segurança viária de que o único objetivo eticamente aceitável é alcançar zero vítimas graves ou fatais»,
Antonio Huertas



O presidente da Fundación MAPFRE, Antonio Huertas, participou da conferência

resultado de atropelamentos. A partir da DGT, seu máximo responsável, Pere Navarro, salienta que «a medida mais eficaz para reduzir a taxa de acidentes é acalmar o trânsito, isto é, reduzir a velocidade». Capacete, velocidade, distrações, cinto de segurança e álcool são, segundo Navarro, os cinco principais fatores críticos que interferem no desfecho fatal.

Educando desde a escola

A educação sobre segurança viária é outro instrumento que está ao alcance de diferentes órgãos responsáveis pela segurança nas estradas. Como destaca Álvaro Gómez, «um motorista seguro é um motorista formado que conhece e respeita as regras». Um processo que deve começar muito antes de alguém ter idade legal para estar atrás de um volante. Javier Barbero, delegado de Saúde, Segurança e Emergências da cidade de

Madrid, ressalta que apenas no ano passado 400.000 crianças e jovens receberam educação viária nesta cidade. O objetivo, como ilustra Sara Hernández, prefeita de Getafe, é que as próprias crianças «repreendam seus pais» toda vez que os verem cometendo uma infração como cruzar o sinal vermelho.

Precisamente Getafe é um exemplo claro de município envolvido na conscientização de toda a população sobre questões de segurança viária. Esta localidade de 200.000 habitantes demonstrou que o objetivo zero não é uma quimera, e pode se orgulhar de não ter sofrido acidentes mortais dentro de seus limites urbanos durante dois anos consecutivos: 2016 e 2017. «Nós entendemos a visão zero como uma metodologia e uma filosofia compartilhada por toda a cidade», resume a prefeita. Para estimular essa participação cidadã, este município lançou uma série de

medidas, como um radar móvel cuja localização é decidida pelos próprios vizinhos. A implicação da polícia municipal é fundamental e, nesse sentido, as «multas simbólicas ou pedagógicas», nas quais o infrator é informado sobre as possíveis consequências físicas de um acidente, estão ganhando muita atenção.

O problema das cidades

Internacionalmente, 40% dos acidentes fatais ocorrem no espaço urbano. Talvez seja por isso que as cidades se tornaram um foco de inovação em termos de segurança no trânsito. Boston, nos Estados Unidos, colocou o foco na velocidade através de uma campanha de conscientização ambiciosa: «Speed really matters» («A velocidade realmente importa»), e ao levar o transporte público para todas as partes da cidade. Barcelona, por outro lado, tornou-se a cidade europeia com o maior número de motocicletas por habitante, representando 22,2% da frota móvel da cidade. Esta cidade adere à visão zero incorporando prioridades como projetar um espaço urbano adequado para os idosos, um dos grupos mais afetados por acidentes mortais.

O maquinário está em andamento porque, como diz Antonio Huertas, presidente da Fundación MAPFRE, «associações de vítimas, países, administrações regionais e cidades, empresas, fundações e instituições de todo o mundo disseram “já basta” e puseram as mãos à obra».✘

Todos os anos, 1.350.000 pessoas perdem a vida nas estradas do mundo (uma a cada 24 segundos), o que representa mais de 95% do total de mortes devido aos transportes.

Matthew Baldwin

Subdiretor geral de Mobilidade e Transporte da Comissão Europeia

«Nós não podemos permitir que as pessoas parem de ir trabalhar de bicicleta porque é perigoso»

À frente da subdiretoria geral de Mobilidade e Transportes da Comissão Europeia desde 2016, Matthew Baldwin já tinha ocupado anteriormente responsabilidades específicas no campo da aviação, também no âmbito das instituições comunitárias. Sem dúvida, essa experiência em um setor historicamente caracterizado por medidas extremas de segurança faz do britânico uma pessoa especialmente determinada a combater um problema, o das mortes e dos acidentes graves na estrada, que não hesita em descrever como «epidemia».

É utópico falar de zero mortes na estrada?

Todos os anos, 1.350.000 pessoas morrem em acidentes de trânsito, por isso corremos o risco real de ser uma utopia. Temos que ir passo a passo, introduzindo gradualmente medidas que sabemos que funcionam para atingir esse objetivo zero. Na UE, foram alcançadas melhorias de 50% entre 2000 e 2010, de modo que sabemos que o desafio de reduzir mais 50% até 2030 é realista. Devemos buscar inspiração em outros setores, como a aviação civil, em que o rigoroso desenvolvimento e aplicação de protocolos de segurança e responsabilidades compartilhadas estão produzindo excelentes resultados. Reduzir ao mínimo as 25.000 mortes e os 135.000 feridos graves que ocorrem anualmente na Europa não pode ser considerado como uma utopia. É uma situação que precisa mudar.

A segurança é uma questão moral?

Acredite, não sou um filósofo, mas acho imoral aceitar uma quantidade tão grande de mortes devido ao trânsito. Acima de tudo, quando temos a certeza do que precisa ser feito para que esse número seja reduzido e até desapareça. A comissão europeia para Transportes, Violeta Bulc, chama-o de «assassino silencioso», porque sabemos que 25.000 pessoas morrem a cada ano, mas quase ninguém fala sobre isso.

Qual é a razão para o recente declínio na Europa em termos de acidentes fatais?

É uma questão complexa na qual muitos aspectos influenciam. O primeiro é a melhoria dramática da segurança nos veículos a motor, parcialmente promovida pela legislação da UE. Agora é a hora de abordar outros fatores, como limites de velocidade, uso de álcool e drogas ao volante ou distrações. O segundo aspecto a considerar são os novos padrões de mobilidade, os quais já foram aprimorados, mas ainda há



muito a ser feito. A redução de mortes entre usuários de carro não foi acompanhada pela mesma diminuição entre os usuários mais vulneráveis de nossas estradas: ciclistas, motoristas e pedestres. Os incidentes de trânsito não podem ofuscar a chamada «mobilidade ativa», que reduz a poluição e os engarrafamentos nas cidades. Nós não podemos permitir que as pessoas parem de ir trabalhar de bicicleta porque é perigoso.

A economia desempenha um papel nos acidentes de trânsito?

A recessão econômica pode ter mascarado uma melhoria que não era inteiramente real. Com menos mobilidade, houve menos acidentes. Agora que a economia europeia está crescendo novamente, temos que garantir que o número de acidentes fatais não aumente. Mortes e ferimentos graves não podem ser o preço que pagamos para nos movermos mais.

Claes Tingvall

Professor da Universidade de Chalmers (Suécia)

«A visão zero aplica a ética médica à segurança viária»

Claes Gustav Tingvall (Karlstad, Suécia, 1953) começou a se interessar pela segurança viária ainda jovem e antes mesmo de terminar o ensino superior já conseguiu seu primeiro emprego como analista de segurança viária. Depois de obter seu doutorado em Epidemiologia, em 1995 foi recrutado por seu governo para liderar o Escritório de Segurança Viária. Foi lá que percebeu que suas aprendizagens no campo da medicina e proteção da saúde poderiam se encaixar muito bem na luta contra os acidentes fatais na estrada. Suas ideias deram origem, em 1997, à «visão zero», uma revolução na abordagem da segurança no trânsito que agora se estende por todo o mundo.

A «Visão zero» nasceu há duas décadas na Suécia. Foi bem recebido?

Tivemos que superar muitas barreiras. Na Suécia, falar de «visão zero» era complicado, porque somos racionais e não gostamos de abordagens «otimistas» demais. Além disso, naquela época, qualquer investimento em segurança tinha que ser muito bem justificado do ponto de vista econômico. Pensávamos que a vida e a saúde deveriam estar sempre à frente, que essa era uma linha vermelha que não poderia ser ultrapassada ao se projetar políticas. Foi uma mensagem que as pessoas que planejaram e administraram os orçamentos acharam difícil de entender.

Um médico teve que ir explicar

A visão zero transfere uma grande parte da responsabilidade para os gestores do sistema, como os responsáveis pelas estradas ou cidades. Esses organismos devem ser ativos na tomada de decisões de suas respectivas áreas de ação para tentar reduzir as fatalidades. É uma filosofia que, por exemplo, ninguém discute no campo da medicina. Se um médico detecta que algo está funcionando mal e que está a seu alcance melhorá-lo, ele faz; é muito simples. A visão zero transfere, de alguma forma, a ética médica para o campo da segurança no trânsito.

Mas suas ideias chegaram até o Parlamento sueco

Chegou uma nova ministra que já havia trabalhado em questões de segurança e saúde ocupacional, então ela rapidamente entendeu a ideia e queria continuar aprofundando. Eu tinha uma visão um tanto ingênua e realmente não entendia o tipo de forças que estava enfrentando. Se não fosse pela ministra, o projeto teria morrido. Mas ela o salvou. Foi muito corajosa e levou a Visão Zero para o Parlamento. Nenhum partido votou contra.



Evitar acidentes fatais é caro?

Salvar vidas é barato se você agir com inteligência e aplicar ciência e inovação. Se você se atreve a tentar coisas que nunca foram feitas antes. Os governos que não possuem essa cultura internalizada dizem: «queremos ajudar o motorista a continuar circulando». Mas se o carro sai da estrada ou invade a direção oposta, eles acham que não é problema deles, mas do motorista, que teria feito algo errado. Nossa abordagem é: em vez de nos limitarmos apenas a continuar tentando reduzir o número de acidentes, vamos começar, ademais, a projetar um tipo de estrada mais «amigável». Medidas como remover barreiras, proteger árvores com atenuadores de impacto quando necessário, ou introduzir rotatórias são relativamente fáceis de implementar e têm um efeito imediato. E se você as aplicar ao mesmo tempo que projeta as estradas, o custo pode ser de 1% a mais, ou até menos.



A segurança e os patinetes elétricos: um desafio emergente

TEXTO: DAVID LOSA IMAGENS: ISTOCK



A rápida proliferação dos chamados veículos de mobilidade pessoal, provavelmente um elemento-chave da futura mobilidade sustentável, revelou lacunas legais importantes e deixou muitas dúvidas sobre como circular entre usuários, pedestres e outros motoristas, como indicado por um novo relatório elaborado pela Fundación MAPFRE. Coincidindo com as primeiras vítimas fatais associadas a esses veículos, na Espanha, já estamos trabalhando em algumas regras gerais.

Às vezes a realidade nos atropela e precisamos legislar com urgência. A invasão repentina dos veículos de mobilidade pessoal (VMP) nas cidades elevou o debate social às instituições com pouco tempo para reflexão. Tudo foi acelerado pela atividade das empresas de locação de patinetes elétricos, que nos últimos meses inundaram as ruas com esses veículos.

O que há pouco mais de um ano era uma anedota hoje em dia é um fenômeno urbano com consequências importantes para o futuro das cidades, como confirma o relatório *‘Nuevos sistemas de movilidad personal en ciudad y sus problemas asociados a la seguridad vial’*, elaborado pela Fundación MAPFRE, em colaboração com a Associação Espanhola de Rodovias. Em primeiro lugar, muitas pessoas descobriram essa nova e imparável forma de mobilidade: de acordo com a Associação de Usuários de Veículos de Mobilidade Pessoal (AUVMP), mais de 20.000 veículos desse tipo já circulam na Espanha. E, em segundo lugar, uma maioria esmagadora de pedestres e motoristas (9 em cada 10) considera necessária a elaboração de leis que regulem seu uso.

Potencialmente perigosos

Há também consequências trágicas derivadas dessa nova forma de mobilidade. Infelizmente, as primeiras fatalidades ocorreram em 2018. Segundo o relatório da Fundación MAPFRE, na Espanha, cinco pessoas perderam a vida em acidentes com o envolvimento de VMPs, devido a causas como perda de controle e atropelamento do usuário do VMP por um veículo, atropelamento de pedestres ou acidentes relacionados, quedas, etc. Mortes que, junto com os demais 273 incidentes (nos

primeiros 11 meses de 2018) confirmados pela Secretaria de Segurança Pública, corroboram um aumento abrupto na taxa de acidentes com VMPs. «Por exemplo, na cidade de Valência, em 2016, não houve incidentes com este tipo de veículo, em 2017 foram 5 e, em 2018, soubemos de 38 incidentes», explica Jesús Monclús, diretor de Prevenção e Segurança Viária da Fundación MAPFRE.

Até novembro de 2016, esse tipo de veículo não aparecia codificado em nenhum regulamento estadual. Foi então que a Direção Geral de Trânsito publicou a Instrução 16/V-124, que os define como «veículos capazes de auxiliar o ser humano em seu deslocamento pessoal e que por sua construção podem exceder as características dos ciclos e estar equipados com motor elétrico». A DGT, evidentemente, deixou claro que eles não são assimiláveis à figura do pedestre nem catalogados como veículos motorizados. Essa instrução, no entanto, deu quase total liberdade aos municípios para regular as limitações de circulação em cada localidade, afirmou que não é necessário ter autorização administrativa para utilizá-los e não obrigou a



Relatório *‘Nuevos sistemas de movilidad personal en ciudad y sus problemas asociados a la seguridad vial’*, elaborado pela Fundación MAPFRE.



contratar nenhum seguro para uso privado. Nessa instrução, ademais, os VMPs também são classificados em cinco grupos, de acordo com seu peso, velocidade máxima e altura e os ângulos perigosos que podem causar danos em caso de atropelamento.

Grandes vantagens, muita confusão

Este «apanhado» de VMPs reúne veículos com diferentes pesos, dimensões e velocidades: *segways*, monociclos elétricos (*airwheels*), hoverboards, patinetes elétricos, skates elétricos, etc. No entanto, todos têm em comum uma série de vantagens que permitiram sua rápida penetração nas cidades, especialmente no caso daqueles de auto equilíbrio (hoverboards, *segways*) e, acima de tudo, patinetes elétricos: são rápidos, leves, fáceis usar e transportar, tem autonomia suficiente para viagens urbanas, não ficam presos em

engarrafamentos, são econômicos e não poluem. Uma solução ideal para viagens urbanas que não são excessivamente longas ou como complemento de outros meios de transporte públicos ou privados.

Mas nem tudo é tão perfeito. Os VMPs devem coexistir nas cidades tanto com os pedestres como com outros veículos mais pesados, volumosos e mais rápidos do que eles. Assim como as bicicletas, embora, no caso desses «novos» veículos, nem seus usuários nem os demais tenham clareza sobre aspectos básicos, como por onde devem circular ou em que velocidade. Essa «desinformação» generalizada está bem refletida nos resultados da pesquisa compilada pelo relatório da Fundación MAPFRE, realizada com mais de 500 motoristas, pedestres e usuários de VMP. De acordo com essa pesquisa, 49% dos usuários de VMPs não sabem se existe uma regulamentação sobre

o uso adequado desses veículos. Além disso, 40% das pessoas que usam este meio de transporte consideram que ele pode circular em qualquer lugar.

Os municípios decidem

Uma das explicações para essa confusão é óbvia: não há uma lei homogênea. A regra geral deixa tantos pontos em aberto que as diferenças entre alguns regulamentos locais e outros são muito grandes. Por exemplo, alguns municípios estipularam que 16 anos é a idade mínima para conduzir um VMP, enquanto outros nem sequer regulam esse aspecto. Em alguns, é obrigatório usar capacete ao conduzir um patinete elétrico, enquanto em outros apenas os menores de 16 anos são obrigados a usá-lo. O mesmo se aplica a outros tipos de equipamentos, como elementos refletivos, luzes ou selos, cuja obrigatoriedade ou não, novamente, é uma decisão local.

Com todos os itens acima, a maior confusão vem da dificuldade dos usuários em identificar em quais áreas podem circular com seu VMP. E não é estranho, pois as portarias municipais, se é que existem (muitos municípios ainda estão elaborando-as), são muito recentes, muitas vezes difusas e pouco divulgadas. Mais uma vez, a disparidade de critérios é a norma.

O labirinto legal enfrentado pelos VMPs não é exclusivo da Espanha. No âmbito internacional, o quadro é igualmente díspar, como também afirma o relatório da Fundación MAPFRE. Legislações

Los VMP son una solución ideal para trayectos urbanos no excesivamente largos, o como complemento a otros medios de transporte públicos o privados. Pero no todo es tan perfecto

inexistentes (França), restritivas (Reino Unido e Hong Kong) ou muito permissivas (nos Estados Unidos, a maioria dos regulamentos estaduais e locais permitem circular pelas calçadas) também refletem, em uma escala global, a extrema velocidade com a qual esta nova mobilidade urbana se instalou.

A DGT toma frente

A boa notícia é que este panorama pode ser esclarecido a médio prazo. A Direção Geral de Trânsito da Espanha já está trabalhando em um Decreto Real que delineará as regras que regularão este tipo de veículo, como confirmado por Jorge Ordás, vice-presidente de Gestão de Mobilidade e Tecnologia da DGT: «Este Decreto Real será integrado no Regulamento Geral de Veículos e incluirá uma definição mais precisa dos VMPs como “veículos de propulsão elétrica”. Isto significa que, pelo simples fato de serem considerados como veículos, já lhes aplicará o Regulamento Geral de Circulação em relação a temas como a condução sob efeito de drogas ou álcool, a utilização de fones de ouvido ou telefones celulares. Além disso, eles não poderão circular pelas calçadas». Ademais, o Decreto Real, que o governo espera aprovar até junho de 2019, vai limitar a velocidade do VMP a um máximo de 25 km/h, «conforme estipulado no projeto da norma técnica europeia com a qual trabalhamos», explica Ordás. Também não poderão circular por estradas cujo limite de velocidade exceda os 30 km/h.

Enquanto os regulamentos se adaptam às novas formas de mobilidade, as próprias cidades estão debatendo como se reinventar para absorver esses novos veículos. «Não deve haver competição ou briga entre veículos. Temos que regulamentar as velocidades e os espaços de cada um. A ideia é que uma pessoa possa

usar diferentes tipos de transporte para percorrer um trajeto, mas, para isso, a cidade deve se adaptar para que haja lugares que facilitem essa multimodalidade», afirma o especialista Rafael Hernández López, diretor do Mestrado em Mobilidade Urbana do Universidade Camilo José Cela (Madrid). ✕



Usuário de VMP? Se desloque com segurança!

Enquanto a regulamentação estatal que define certas obrigações para os usuários de Veículos de Mobilidade Pessoal não chega, o bom senso é a nossa melhor arma para usá-los com segurança. «Estes veículos não devem circular nas calçadas, porque estas são para pedestres. Também não devem circular nas estradas, onde há veículos pesados circulando a 80 km/h, nem em vias urbanas normais com um limite de 50 km/h, onde há ônibus e vans. Por isso, nos sobriam as ruas calmas, com um limite de 30 km/h ou menos, e as áreas para bicicletas, como as ciclovias», explica Jesús Monclús, diretor de Prevenção e Segurança Viária

da Fundación MAPFRE.

Além de simplesmente circular em áreas «seguras», Monclús insiste na necessidade de tomar outras medidas para evitar possíveis incidentes ou, ao menos, minimizar suas consequências: «Em primeiro lugar, devemos nos tornar mais visíveis, com elementos ou vestuário de alta visibilidade e refletivos à noite. Devemos também usar o capacete para proteger a cabeça, que é a parte mais importante e vulnerável do nosso corpo. E é importante conhecer os regulamentos do nosso município e não tentar competir pelo mesmo espaço com outros veículos mais pesados».

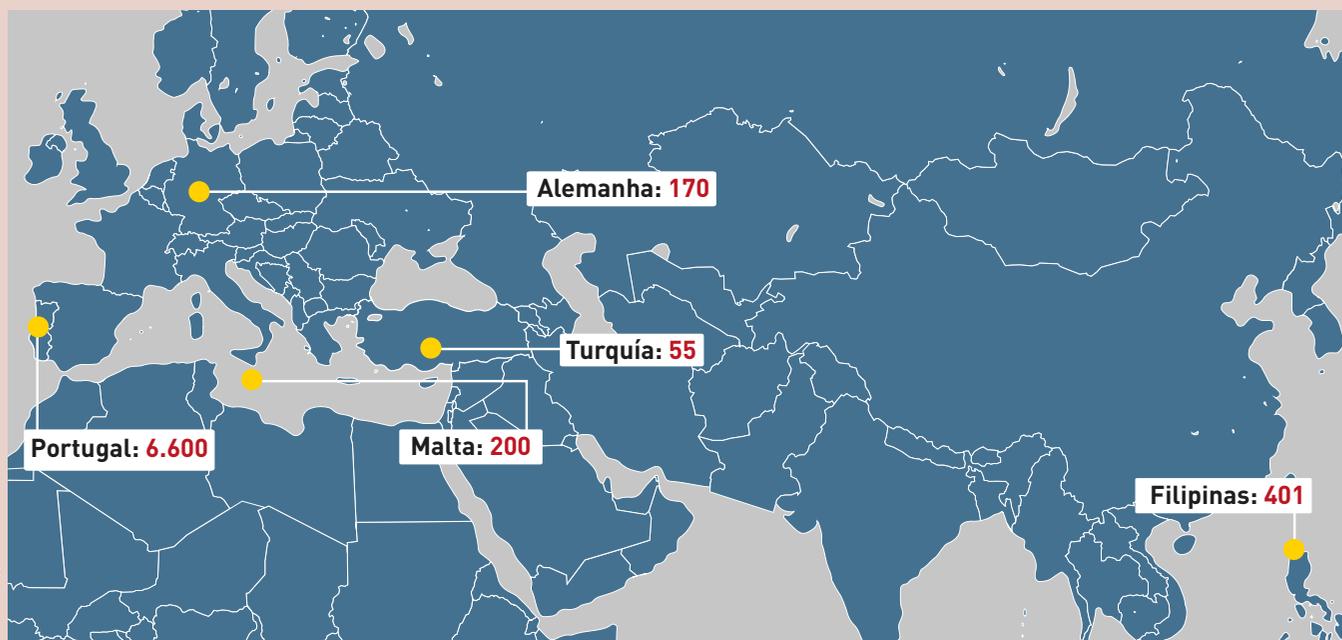
Os dados do Programa Mundial de Alimentos são alarmantes. Cerca de 795 milhões de pessoas no mundo não têm comida suficiente para levar uma vida saudável e ativa. Nos países em desenvolvimento, 66 milhões de crianças em idade escolar vão à escola com fome. Sabemos que é difícil

Projetos de nutrição no mundo

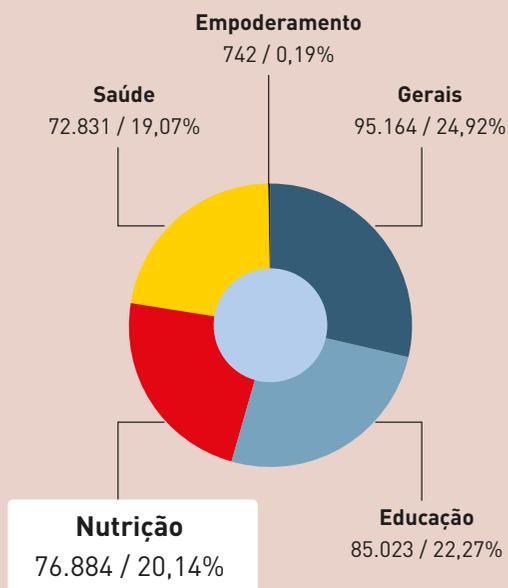
Beneficiários por país



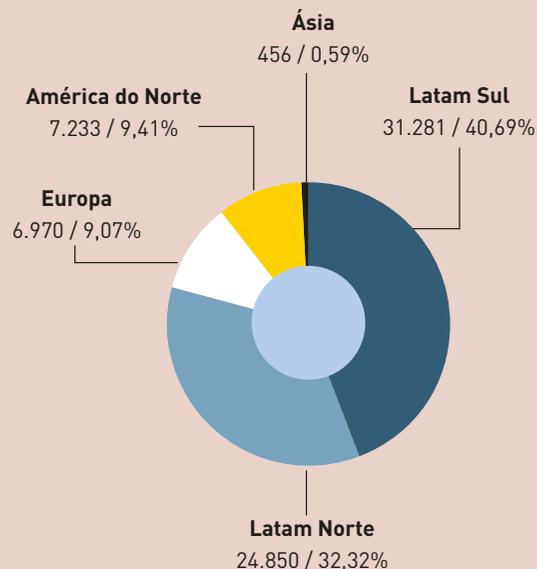
progredir quando a principal preocupação é conseguir sobreviver. Por isso, e mais além dos números, em cada prato de comida que damos aos 76.884 beneficiários de nossos programas de nutrição, oferecemos a eles um pouco de esperança e um futuro melhor.



Total beneficiários projetos MAPFRE



Projetos de nutrição por área geográfica



Outra maneira de ajudar

TEXTO: SCHEHREZADE PARRO

Professores solidários

A Associação Mayas nasceu em 2009 para dar um futuro melhor para crianças carentes em Madrid, oferecendo apoio escolar desde a infância até o ensino médio. Os professores solidários evitam, deste modo, que estas crianças abandonem seus estudos precocemente. Além disso, subsidiam refeições que ajudam mais de cinquenta famílias com recursos limitados todos os meses. A nível internacional, essa associação ajuda quatro abrigos e organizações locais na Bolívia e na Nicarágua, onde ajudam cerca de 90 estudantes, financiando o custo das mensalidades

escolares, materiais e transporte das crianças.

Quem quiser colaborar pode fazê-lo com uma contribuição financeira. Há também a possibilidade de “apadrinhar” uma criança na Bolívia ou na Nicarágua e pagar por seus estudos para que estas possam ter um futuro melhor. Outra forma de colaboração é ser um professor solidário, ajudando as crianças com o dever de casa.

Se quiser saber mais sobre a associação MAYAS, acesse <http://www.asociacionmayas.org/>



De vítimas à sobreviventes com a MUM

Criada em 2010, a Associação MUM (Mujeres Unidas contra el Maltrato) atua no desenvolvimento pessoal de mulheres maltratadas e na sua incorporação à sociedade. Atualmente oferecem serviços de atendimento psicológico, assessoria jurídica, inserção laboral, acompanhamento, apoio familiar, atividades em grupo e um serviço especial de segurança com uma equipe profissional e altruísta de psicólogos, advogados e assistentes sociais. Entre os projetos ativos realizados na Espanha encontra-se a plataforma virtual Umoja Violeta (nomeada como o povo queniano formado exclusivamente por mulheres); o Eco-Aldea, um projeto habitacional; o Amazona, um projeto de prevenção e educação; o Laborando, para inserção laboral e o Sumar Llevando, o programa de voluntariado da associação.

Seu site é <https://asociacionmum.org/>



Prótese a prótese

Alberto Cairo trabalha em um centro ortopédico da Cruz Vermelha no Afeganistão há mais de 25 anos. Nascido na Itália, se licenciou primeiro em direito e depois em fisioterapia. Decidiu viajar ao Sudão como voluntário por um ano e depois para o Afeganistão. Hoje, 28 anos depois, continua trabalhando como chefe do programa de reabilitação física do CICV (Comitê Internacional da Cruz Vermelha) em uma das áreas mais conflituosas do cenário internacional, atendendo àqueles que, infelizmente, pisaram em minas terrestres. O seu centro não só oferece cuidados, próteses e reabilitação gratuita, como também lhes oferece trabalho no centro ou lhes concede microcréditos para que possam desenvolver pequenos negócios e se mantenham por conta própria. Para saber mais sobre os centros ortopédicos da Cruz Vermelha no Afeganistão, clique aqui <https://www.icrc.org/es/doc/resources/documents/field-newsletter/2012/afghanistan-orthopaedic-newsletter-2012-02-12.htm>

Visto na rede

Conheça todas nossas atividades, através das redes sociais. Nesta seção você encontra uma seleção dos melhores posts do Facebook, Twitter e Instagram.

f FACEBOOK

@FundaciónMapfre
@fundaciónmapfrecultura
@FMobjetivocero

t TWITTER

@fmapfre
@mapfreFcultura
@FMobjetivocero
@FMculturaCat

ig INSTAGRAM

@mapfrecultura

O MELHOR TWEET

@fmapfre 5 fev.

Feliz Ano Novo Chinês! 2019 é o ano do Porco, símbolo da prosperidade econômica. Qual melhor propósito do que este para aprender a evitar imprevistos? Nós fornecemos as ferramentas básicas.
#Fintech #Economy
2 retweets
4 likes

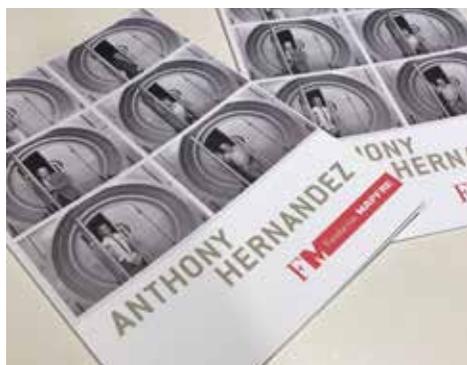


mapfrecultura

Sala Fundación MAPFRE Bárbara de Braganza

Os folhetos das salas podem ser um grande aliado para conhecer os principais pontos de uma exposição. O que você faz com eles depois? Você os devolve ou os coleciona?

#ExpoAnthonyHernandez #Fotografia #PlanesMadrid



♡ 248 likes



mapfrecultura

Sala Fundación MAPFRE Recoletos



Um momento chave para a história da arte e tudo o que aconteceu depois. Amanhã você poderá descobri-lo: conheça os movimentos e autores fundamentais da arte russa das primeiras três décadas do século XX. 📷 Obrigado pela foto @alyona.rasskazova

#ArteRevolução #Pintura #PlanesMadrid

♡ 607 likes



Objetivo Zero



No último dia 1 de fevereiro ocorreu a segunda semana da iniciativa «Kiss & Go» (beija e vai). Trata-se de um programa piloto para melhorar a mobilidade e a segurança viária nas proximidades das escolas Ciudad de Roma C.P.E.I.P. e Colegio Montserrat FUHEM de Madrid. Esta iniciativa surge após os contínuos engarrafamentos gerados na hora do rush nessas áreas. Descubra qual é a solução proposta.
<https://bit.ly/2S1Lpba>



Fundación MAPFRE

PRÊMIOS SOCIAIS

O compromisso e a solidariedade têm um prêmio! Mais um ano, buscamos pessoas, instituições e projetos notáveis dedicados a mudar o mundo. A convocatória para os Prêmios Fundación MAPFRE à Inovação Social já está aberta, te esperamos!

#PremiosSociaisFM
<http://bit.ly/PremiosSocialesFM>



Olga

Que Olga llegue a ser independiente
y pueda mantener a su hija, es probable.
Que hoy ha dado su primera clase
de informática es seguro.

No podemos predecir el futuro, pero podemos asegurar el presente. En Fundación MAPFRE desarrollamos Proyectos Sociales Internacionales que benefician HOY, a miles de niños y jóvenes en riesgo de pobreza y exclusión social. Jóvenes como Olga, con todo el presente por delante.

Asegurando oportunidades

Fundación **MAPFRE**

*Olga Lucía Hernández Fera es beneficiaria de la Fundación JUANFE de Colombia, que, con la colaboración de Fundación MAPFRE, ayuda a madres solteras de ese país a encontrar un medio de vida para sacar adelante a su familia.

Fundación
MAPFRE

www.fundacionmapfre.org

ESP/CONSULTA NUESTRA REVISTA ONLINE

ENU/CHECK OUR ONLINE MAGAZINE

PTB/CONFIRA NOSSA REVISTA ON-LINE

**[https://www.fundacionmapfre.org/fundacion/es_es/
publicaciones/revista-fundacion/](https://www.fundacionmapfre.org/fundacion/es_es/publicaciones/revista-fundacion/)**

